



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

DALVANICE SANTANA RIBEIRO

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CARINHANHA-
BA**

CARINHANHA – 2013

DALVANICE SANTANA RIBEIRO

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CARINHANHA- BA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia a Distância pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB – Universidade Aberta do Brasil – UAB.

CARINHANHA, 2013

RIBEIRO, Dalvanice Santana. A prática pedagógica do professor da Educação de Jovens e Adultos em Carinhanha-Ba, Carinhanha-Ba, Fevereiro de 2013. 72 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia a Distancia.

FE/ UnB-UAB

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CARINHANHA- BA

DALVANICE SANTANA RIBEIRO

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia a Distância pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB – Universidade Aberta do Brasil – UAB.

Professor/a Orientador/a: **Luzia Costa de Sousa**

Membros da Banca Examinadora

a) _____
Norma Lúcia Nerez de Queiroz

b) _____
Neuza Maria Deconto

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois nada seria sem a fé que tenho nele.

Aos meus pais Ana (*in memoriam*) e Jorge, pela confiança em mim depositada, sem medir esforços para que eu pudesse concluir mais essa etapa da vida.

A toda a minha família, pelo apoio nos momentos em que mais precisei.

Aos meus queridos filhos Vinicius e Matheus, pela paciência que tiveram com a minha ausência durante o curso.

Ao meu esposo Delson, pela compreensão.

Aos meus amigos e colegas, pois sem o estímulo deles o caminho seria muito mais difícil, entre eles Sara, Wesley Brunno, Jeane, Leandro, Laise, Jacy e Joseneide.

Aos professores que me enriqueceram com tantos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, especialmente as professoras Norma Lúcia e Neuza pela compreensão e apoio sempre constante, bem como à tutora Léia Cássia, pelo seu esforço e desempenho no decorrer da minha formação como pedagoga.

Agradeço à Jumária que esteve presente em minha trajetória escolar desde o início do magistério até a conclusão da graduação, sempre me dando forças e auxiliando de alguma forma para que eu não desistisse desse sonho, apesar dos grandes obstáculos encontrados no decorrer desse curso.

Eu não poderia deixar de agradecer a Maria de Lourdes, minha primeira tutora, atual coordenadora do Polo que, sem seu apoio e dedicação, não teria chegado a essa etapa tão importante da minha vida.

Por fim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação.

Meu muito Obrigada!!!

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA – Bahia

Cedac – Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária

EaD - Educação a Distância

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

PROINFO – Programa Nacional de Tecnologia Educacional

PROUNI – Programa Universidade para Todos

TOPA – Todos Pela Alfabetização

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UnB – Universidade de Brasília

LISTAS DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dificuldades dos professores entrevistados

Gráfico 1 – Faixa etária dos alunos da escola 1

Gráfico 2 – Faixa etária dos alunos da escola 2

Gráfico 3 – Maiores dificuldades dos alunos da escola 1

Gráfico 4 – Maiores dificuldades dos alunos da escola 2

Gráfico 5 – Formação dos docentes entrevistados

Gráfico 6 – Faixa etária professores entrevistados

Gráfico 7 – Sexo dos professores entrevistados

LISTAS DE TABELAS

TABELA 1 – Taxa de analfabetismo em cada estado segundo o Censo 2010 do IBGE

TABELA 2 – Público EJA da Escola Municipal Antônio Pereira

TABELA 3 – Público EJA da Escola Municipal José Braz Cavalcante

RESUMO

A desistência de muitos alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), mostra a necessidade de refletir sobre a prática pedagógica dos professores, considerando que estes alunos exigem uma postura diferenciada na sala de aula, com aulas de qualidade que sejam dinâmicas e flexíveis, de forma que os alunos desta modalidade não sejam meros receptores, mas indivíduos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Aulas que tenham sentido e correlação com a realidade destes, uma vez que em sua maioria são trabalhadores e/ou idosos. O objetivo desse estudo é analisar a prática pedagógica dos professores nas escolas que oferecem EJA na zona urbana de Carinhanha, fazendo um recorte mais aprofundado em duas delas, observando, sobretudo, a discussão acerca da prática docente. Para análise foi realizada uma pesquisa com observações, entrevistas semiestruturadas e questionários. Também foi realizado um estudo dos principais teóricos que abordam a temática da prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos. Dentre eles destacam-se Verônica Fraidtenraich, Pura Lucia Oliver Martins e Paulo Freire. O resultado da análise nos mostrou as dificuldades encontradas pelos professores, primeiro quanto a falta de capacitação ou treinamentos, assim como planejamentos que contemplem a realidade dos alunos. Por se tratar de alunos com uma faixa etária mais avançada, a atenção a esta modalidade é uma questão de garantia de um direito, um direito histórico. E a preparação destes docentes é, dentre outros, um dos requisitos chave para o sucesso da EJA.

Palavras chave: EJA; Dificuldades; Prática pedagógica; Docência.

ABSTRACT

Due to the withdrawal of many students in the Education of Youth and Adults, it is necessary to reflect on the pedagogical practice of teachers, since these students require a differentiated approach in the classroom, with quality lessons that are dynamic and flexible, so that students of this modality are not mere recipients but active individuals in the teaching-learning process. Classes that have meaning and correlation with reality these, since most of them are workers and the elderly. The aim of this study is to analyze the pedagogical practice of teachers in schools that offer adult education in the urban area of Carinhanha, making a deeper cut in two of them, noting especially the discussion of teaching practice. For analysis we conducted a survey with observations, semi-structured interviews and questionnaires. Also a study of the major theorists who address the topic of pedagogical praxis in Youth and Adults. Among them, Veronica Fraidenraich, Pure Lucia Oliver Martins and Paulo Freire. The result of the analysis showed us the great difficulties encountered by teachers, first the lack of training or training, as well as plans that address the reality of the students. Because it is an older age group, attention to this mode is a matter of securing a right, a historical right. And the preparation of teachers is, among others, one of the key requirements for the success of EJA.

Keywords: AYE; Difficulties; Pedagogical practice; Teaching.

SUMÁRIO

<u>PARTE 1 - MEMORIAL EDUCATIVO:</u>	11
<u>APRESENTAÇÃO</u>	13
<u>1 QUEM SOU?</u>	14
<u>1.1 QUAL NOME ME DARIAM? EIS A QUESTÃO!</u>	14
<u>1.2 MARCAS DA INFÂNCIA</u>	15
<u>1.4 ADOLESCÊNCIA: INGRESSO AO ENSINO FUNDAMENTAL</u>	17
<u>1.5 E AS DIFICULDADES E CONQUITAS CONTINUARAM</u>	18
<u>1.6 CURSO DE PEDAGOGIA EM MINHA VIDA</u>	19
PARTE 2 - MONOGRAFIA	23
INTRODUÇÃO	24
CAPÍTULO I - OS CAMINHOS DESAFIADORES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EJA.....	27
1.1 EJA RECONHECIDA COMO EDUCAÇÃO DE RESGATE	28
1.2 APENAS TÉCNICAS NÃO SÃO SUFICIENTES	30
1.3 REFLEXO DA FALTA DE PREPARO versus ENTUSIASMO NA SALA DE AULA ..	34
1.4 TRABALHANDO A REALIDADE	36
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	41
CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS ENCONTRADOS	47
3.1 RESULTADO E ANÁLISE DA PESQUISA COM ALUNOS	47
3.2 RESULTADO E ANÁLISE DA PESQUISA COM PROFESSORES.....	51
3.3 RESULTADO E ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS À INSTITUIÇÃO ESCOLAR	53
3.4 COMPARATIVO DAS ESCOLAS CITADAS.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIA	59
ANEXOS	62
PARTE 3 - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	73

PARTE 1
MEMORIAL EDUCATIVO:
O TEMPO PASSA E QUASE TUDO MUDA

Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito
Tudo que se vê não é
Igual ao que a gente
Viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo
No mundo
Não adianta fugir
Nem mentir
Pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro sempre
Como uma onda no mar".
(Lulu santos)

APRESENTAÇÃO

Relato neste memorial minha trajetória de vida, da infância à vivência profissional na educação, em contínua formação. Compartilho minhas memórias, experiências, expectativas, descobertas, superações, entre outras.

Começo lembrando as histórias que muitos contam, inclusive dos meus tempos de menina. Tempo aquele que não havia televisão na roça, e todos nós juntávamos a luz da lua ou das estrelas e íamos ouvir as estórias dos mais antigos.

Minha trajetória escolar, época difícil, no qual a escola era de acesso complicado, zona rural, pouca gente interessada, pouca gente acreditando.

Logo me tornei uma professora, e por fim, o orgulho de ter passado por tantas dificuldades e mesmo assim concluir um curso superior, Pedagogia.

Convido você leitor a mergulhar em um mundo, mundo ávido de alegrias e tristezas que transformei em experiência.

1 - QUEM SOU?

*Sou Dalvanice Santana, uma das oito filhas de Dona Ana;
Nasci em uma Fazenda no Município de Carinhanha,
portanto, legítima baiana;
De uma família humilde eu vim, mas de meu sonho não desisti.
Meu pai lavrador e analfabeto, porém inteligente igual a ele nunca vi;
Fiquei órfã de mãe, e meu pai viúvo pela segunda vez;
Tenho cinco irmãos do primeiro casamento que ele fez;
Uma família grande sim, ao contrário de mim;
Com apenas dois filhos achei melhor assim,
No trabalho eu me dedico no estudo eu me esforço;
Na memória guardo palavras sábias de pais preocupados,
que o bem sempre quiseram para mim.
Nesse relato que faço
dos fatos da minha vida
não deixarei de lembrar a minha infância querida,
proveitei bastante a adolescência, que fase boa da vida.*

1.1 QUAL NOME ME DARIAM? EIS A QUESTÃO!

Das histórias que ouvi a respeito do meu nome 'essas contadas pelos mais velhos da minha família' os meus pais me chamariam de Sylvania, porém um dos meus tios, metido a viajante, disse que esse nome era uma marca de café. Até hoje ninguém nunca viu esse nome em nenhum pacote de café, então meus pais resolveram excluí-lo para evitar problemas futuros.

Ainda não disse a minha idade. Tenho 36 anos. Na época do meu nascimento havia muitos comentários. No conto popular, se uma família tivesse sete filhos do mesmo sexo eles virariam lobisomens a menos que o filho mais velho do casal batizasse o irmão mais novo.

O fato é que sendo eu a oitava filha do casal, eles tiveram a graça da sétima não ter virado lobisomem, me entregaram para ser batizada pela minha irmã mais velha. Como recompensa, deixaram a ela o direito de escolher meu nome. Até hoje não sei onde ela foi encontrar esse nome tão estranho e de pouco conhecimento. Tornei-me Dalvanice e com o passar dos anos, devido a minha baixa estatura, me apelidaram de "Dalvinha". Mas como quase tudo na vida da gente muda, e às vezes muda para melhor, com o passar dos anos comecei a gostar do meu nome, pois na infância não gostava, da minha origem e da minha história de vida. Hoje tenho orgulho de ser uma das poucas "Dalvanices" que existe.

1.2 MARCAS DA INFÂNCIA

Contava minha mãe que quase morri quando criança, pois peguei quebranto e segundo ela não foi difícil tirá-lo. Mesmo sendo benzida por diversos rezadores nada acontecia. Trouxeram-me para Carinhanha em busca de ajuda. Muitos acreditavam que eu morreria. No entanto, "vaso ruim não quebra". Eles não ficaram livres de mim daquela vez. Como fui curada? Essa parte da história ainda não sei.

Minha mãe paria um filho a cada ano, porém entre eu e a minha irmã Eva demoraram três anos. Então fiquei mimada durante certo tempo. Imaginem vocês que naquela época eu já fazia sucesso com apenas três anos de idade. Familiares e alguns amigos dos meus pais lembram-se de uma musiquinha da minha autoria intitulada "só mimo", a qual cantava para que minha mãe fizesse algo especial para eu comer. Com a demora dela para preparar eu ficava perto do fogão e começava a cantarolar "de certo que vou morrer de fome, pois minha mãe não me dá o que comer...".

Tive uma boa infância, morava na roça e brincava muito com os meus irmãos. Minhas irmãs sempre tiveram muito a me oferecer: compreensão, carinho, brinquedos e até mesmos suas roupas usadas 'risos'. Entre as brincadeiras da infância recordo-me dos banhos na lagoa, dos passeios a cavalo, dos bonecos confeccionados em sabugos de milho e as incríveis noites enlustradas onde meu

pai sentava conosco em um couro de boi no terreiro de nossa casa para nos contar histórias até que adormecêssemos...

1.3 INÍCIO DA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Ao iniciar minha trajetória escolar tive muitas dificuldades, pois morava na zona rural e com sete anos de idade fui obrigada a me separar dos meus pais para morar com parentes na "cidade" e conseguir estudar. O mais difícil, no entanto, foi com uma tenra idade, a separação da minha mãe, meu alicerce!

Primeiro dia de aula, ansiedade nervosismo, perda do colo de mãe.

Como deixar meu "mundo" uma fazenda na qual convivia apenas com os meus pais e meus irmãos, e vir para um lugar cheio de gente estranha, carros, ficar o dia todo longe das minhas irmãs? Apavorava-me, senti tanto medo que fiz xixi na roupa no meu primeiro dia de aula e meus colegas riram ao perceber a poça d'água embaixo da minha cadeira. Constrangedor! Como ir ao banheiro se ele aterrorizava-me! Na fazenda as necessidades eram feitas ao ar livre, e no banheiro o barulho da descarga me causava pânico. No entanto sou muito insistente e não desisto fácil dos meus sonhos. Certo dia tomei coragem e então entrei no banheiro. Fiquei tão apavorada que acabei presa lá dentro, e sem forças para abrir a porta, única saída, foram vários berros até me tirarem de lá. Isso me causou certo medo, assim, pouco usava o banheiro, pois tinha pavor!

Lendo Paulo Freire fico feliz em saber que também fui alfabetizada da mesma maneira que ele, pois assim como o "grande mestre", meu primeiro caderno foi o quintal da minha casa e meus lápis eram meus próprios dedos. Fui alfabetizada pelas minhas irmãs mais velhas antes de frequentar a escola então ao invés de cursar o pré-escolar cursei a primeira série junto com a minha irmã Joana. Mudei de escola apenas na conclusão da terceira série, pois na escola a qual estudava não tinha a quarta série.

Sempre fui dedicada com os estudos. Assim que chegava em casa já ia logo fazendo as tarefas escolares, porém o dia que minha mãe vinha da fazenda para nos visitar não queria saber de ir para a escola, inventava qualquer dor para ficar perto dela mais tempo e desfazia-me em lágrimas quando ela ia embora.

Com o tempo a vida na escola tornou-se prazerosa. Além de aprender

também me divertia o que durante as férias não era possível, pois era levada para a fazenda e aí a vida dura começava: capinar, plantar, colher etc., igual a qualquer trabalhadora rural.

Saíamos para a roça de madrugada. Levávamos uma cabaça d'água para bebermos. Como a água era pouca só podíamos tomar um pouco para que ela durasse todo o dia, daí sentíamos fome e sede, já que comíamos apenas três vezes ao dia. O café e o almoço eram levados por minha mãe; e só às dezessete horas voltávamos para casa cansadas de tanto trabalhar. Às sete horas da noite jantávamos e dormíamos. Tínhamos que dormir cedo para encararmos o trabalho do dia seguinte. Não reclamávamos, sabíamos que tínhamos que contribuir, pois durante o ano letivo nossos pais trabalhavam sozinhos para nos manter na escola. Assim éramos proibidos de perder um ano letivo, valorizávamos cada vez mais os nossos estudos devido à dificuldade que enfrentávamos.

Quando estávamos na cidade procurávamos algum serviço para ajudar nossos pais. Tive meu primeiro emprego aos onze anos, sendo babá do filho de uma vizinha. Lembro-me que sonhava em ter uma mochila, mas o dinheiro nunca dava para comprar...

Um dos momentos mais marcantes da minha infância na escola eram as apresentações do dia das mães, sempre comemorado aos domingos, em que eu participava de várias apresentações: poesias, dramatizações, músicas, entre outras, eram sempre bem ensaiadas e decoradas para não ser preciso levar a cópia nas mãos.

Nessa fase da minha trajetória escolar, me recordo com carinho de todas as professoras, as quais sempre foram prestativas e perseverantes para o meu aprendizado, me elogiavam bastante e isso me estimulava para seguir estudando. Com o mesmo carinho lembro-me dos primeiros colegas de escola 'sempre tive muitos, afinal tenho facilidades em fazer novas amizades', dos meus primeiros rabiscos em um caderno, das primeiras leituras que consegui fazer sozinha. Infelizmente as lembranças dessa época são vagas em minha memória.

1.4 ADOLESCÊNCIA: INGRESSO AO ENSINO FUNDAMENTAL

Nos primeiros anos escolares foram muitas descobertas, tudo muito novo. Ao ingressar a quinta série, no ano de 1988, as novidades continuaram: mudanças de

escola, de colegas, deixar de ter apenas uma professora para ter várias. Não me recordo quantas...

Nessa fase as professoras eram mais exigentes, os assuntos curriculares mais difíceis, as provas bimestrais me deixavam apreensivas, principalmente, as sabatinas na aula de Matemática. Até hoje sei a tabuada de cor. Porém, nunca fiquei para recuperação.

No ano seguinte me ausentei do ambiente escolar, devido ao assassinato do meu irmão Arnaldo, fato que desestruturou toda a família. Por conta desse acontecimento tão triste fiquei um ano sem estudar, fomos para a roça e não tínhamos ânimo para recomeçar.

Em 1990, meu pai comprou uma casa em Carinhanha, o que também nos possibilitou retornar às aulas. De certa forma foi constrangedor para mim, pois todos os meus colegas já estavam na sétima série e eu ainda na sexta. Passei a ser motivo de chacota na turma, mesmo assim continuei a estudar. Nessa escola, fiquei até concluir a oitava série.

1.5 E AS DIFICULDADES E CONQUITAS CONTINUARAM

No início de 1992, uma indecisão prevaleceu: Em qual escola estudar? O colégio Coronel João Duque estava com problemas para regularizar a documentação dos alunos e por isso corríamos o risco de não receber o certificado de conclusão. Como alternativa tinha o Colégio, na época particular, Educandário São José, atualmente o Polo Dona Carmem. Então troquei de escola e precisei trabalhar como doméstica para pagar as mensalidades; sorte minha que no ano seguinte o colégio foi municipalizado, o que facilitou a minha vida escolar até a conclusão do magistério.

Um ano antes da conclusão do magistério engravidei e por isso fui expulsa de casa e rejeitada pela família. Passei a morar "de favor" na casa de outras pessoas, porém, em nenhum momento pensei em desistir dos estudos. O esforço agora precisava ser em dobro para lidar com a nova realidade. Deixei de ser menina para ser mãe, aluna e estagiária. Conciliar tudo isso foi muito difícil, mas consegui concluir o magistério em 1995. Mesmo com a conclusão do magistério continuei estudando e em dois anos fui aprovada em um concurso municipal para professora.

Lecionando com uma carga horária exaustiva e estressante no ano de 2000

acabei me afastando das atividades por causa de uma depressão profunda. Foram dois anos de tratamento e com o apoio da família recuperei-me. Em 2002 nasceu meu segundo filho; eu ainda estava em estado depressivo. Em 2004 retornei para minha vida social, mesmo insegura voltei ao trabalho e com dedicação fui aprovada no PROUNI conseguindo uma bolsa de estudos para cursar Administração em uma faculdade particular na cidade vizinha Guanambi – BA. Devido à minha realidade financeira, nunca acreditei na possibilidade de uma graduação. Comecei o curso, mas com a aprovação no processo seletivo da Universidade de Brasília em 2007, abandonei a bolsa de estudos e comecei a graduação em Pedagogia, pela Universidade Aberta do Brasil - UAB, na modalidade à distância.

1.6 CURSO DE PEDAGOGIA EM MINHA VIDA

Mesmo sendo uma Universidade renomada uma série de sentimentos me dominavam: angústias, medos e várias expectativas devido à modalidade do ensino e também por não ter nenhuma afinidade com a ferramenta virtual 'ainda hoje tenho dificuldades em relação ao computador'. No entanto, a gestão do curso à distância sempre esteve empenhada para não deixarmos a "peteca cair" e assim continuarmos perseverantes até a conclusão do curso. Não apenas eu, mas toda a turma passou por altos e baixos, porém, um sempre ajudou o outro para que não desistíssemos. Tornamo-nos uma família. O apoio entre os colegas e tutores foi de fundamental importância, afinal não ter o professor em sala de aula para tirar as dúvidas, fazer questionamentos, etc., dificulta ainda mais o aprendizado, porém sei que tanto eu quanto meus colegas tivemos nosso conhecimento aprimorado e descobrimos habilidades que desconhecíamos e, as quais talvez jamais fossem despertadas se não fosse a oportunidade desse curso.

A princípio cursava Pedagogia apenas para ter um diploma, mas hoje me sinto realizada e confiante no meu papel como educadora, pois esse curso me fez enxergar a educação e o papel do professor com outros olhos. Porém, ao longo desses cinco anos, desempenhei atividades fora da sala de aula, retornando para a mesma apenas para o estágio de conclusão do curso. É uma grande satisfação saber que mesmo com tantos desafios a serem superados, falta pouco para concluir minha primeira graduação.

Nesse mesmo ano conheci a matriz curricular do curso de Pedagogia ofertado

pela UNB. Gostaria de sinalizar nesse período o “componente curricular projeto”, que nesse período fez-nos aprofundar no nosso “eu” para conhecermos um pouco de nós como profissional e estudante, para depois conhecermos o curso que faria parte das nossas vidas durante cinco anos, e Antropologia que fez uma correlação da origem do homem e como se dá esse processo no dia a dia e as transformações culturais que certos conceitos fazem na sociedade e vale lembrar um autor bastante pertinente que trouxe-nos reflexões em nosso cotidiano “Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais”(Laraia, 1932, p. 09). Louvo a ideia do antropólogo, pois a inteligência é de capacidade de qualquer um independente da raça. E para diferenciar essa visão lembro-me da Professora Rosangela Correia, que passou a pregar uma história na vida dos estudantes de vivência, otimismo, determinação e a necessidade que cada um de nós tinha de agir como estudantes de nível superior.

Já no segundo período duas disciplinas chamaram-me a atenção; primeira Introdução a Classe Hospitalar, que traz uma teoria de como o Pedagogo pode trabalhar no ambiente hospital. De temática bem interessante, infelizmente poucas instituições hospitalares tem esses profissionais. Ainda refletindo sobre meu percurso, continuo sinalizando o projeto que sempre traz uma pesquisa e uma reflexão sobre história de vida, e essa história agora é da Faculdade..., lembro-me dos filmes que relatava as histórias de luta da UnB e que teve como estopim a morte de um estudante, onde desencadeou um grande movimento na UnB foram anos de luta em prol da democracia que esteve como líder Darcy Ribeiro.

Nesse percurso um filme me sensibilizou bastante. “O Poteiro”, filme que destaque, nos revela a conquista da aprendizagem, a força de vontade, que o indivíduo tem para modelar o vaso, que pode ser concebido pelo próprio processo de aprendizagem. Depois de inúmeras tentativas, o pequeno ser constrói o seu vaso, por isso devemos acreditar em nós e sabermos que somos capazes de modelar as conquistas de nossa vida, de aprender qualquer coisa desde que tenhamos vontade própria e a consciência de que a partir dos nossos esforços somos capazes. Outro filme foi na disciplina de Aprendizagem e Desenvolvimento das pessoas com necessidades educacionais especiais, que teve como tutora a tão meiga e atenciosa Chris Alves. "Contar uma história sempre foi a arte de contá-la de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história", Benjamin (1994, p. 204),

essa frase chamou-me atenção, pois me fez lembrar o Projeto 3 fase 1: que teve como tema Manifestação da Cultura Brasileira e como tutora Elna Dias, nesse semestre revivemos e descobrimos os fatos históricos de Carinhanha e histórias lendárias. Por meio da disciplina estudada, aprendi que devemos conhecer, respeitar e preservar o que temos de mais puro e representativo de nossa história e, sem dúvida, poder participar e contribuir de forma efetiva para a construção do mundo que queremos e que temos direito, garantindo assim o nosso espaço enquanto cidadãos cientes e conscientes de nossas origens. Povo desenvolvido busca e divulga a sua cultura, como forma de identidade, nacionalidade e cidadania.

Sinalizo nesse mesmo ano, a disciplina de Educação e Matemática sobre a coordenação de uma pessoa importantíssima que, foi Cilia Cardoso. Ela desmistificou-nos que Matemática é um bicho de sete de cabeças, que podemos sim trabalhá-la de forma lúdica. Foram encontros presenciais prazerosos, que fizeram-nos conhecer práticas de como também despertar esse gosto nos alunos.

Como é bom ler e escrever, assim lembro-me do Processo de Alfabetização, que me fez refletir sobre o desafio de ler, principalmente quando lemos com vontade de devorar as páginas de um livro, fazendo com que nós leitores, redescubramos sentimentos incalculáveis, revivendo sonhos, dores ou amores passados, viajando de forma livre nas deliciosas páginas de um livro. Por isso, foi nessa disciplina que passei a trabalhar alguns gêneros literários como o cordel, a poesia e algumas estratégias de como desenvolver o gosto da leitura em nossa prática em sala de aula, por isso desenvolver juntos com os colegas a I Feira Julina que foi um momento extremamente gratificante, pois pudemos mostrar a comunidade acadêmica de Carinhanha, várias formas de desenvolver o gosto pela leitura.

A partir do projeto de intervenção determinei fazer o estagio na modalidade da EJA. Fui orientada que é importante na matriz escolar, ao fazer as primeiras observações algo que já me inquietava. Por haver só professores nos primeiros dias, e pouquíssimos alunos, resolvi tomar um posicionamento e então abracei a causa e senti que poderia contribuir para o resgate dos alunos, montei um questionário e fui à luta. Depois do meu horário de serviço saía em meu bairro batendo de porta em porta até conseguir um número razoável de alunos para eu desenvolver o projeto.

Ainda depois do estágio, foi preciso dar atenção à classe para que os alunos não evadissem. Então me apaixonei e cheguei à conclusão que eu poderia trazer melhoria para esta modalidade, montar projetos em parceria de outros profissionais,

encontrar subsídios para tornar as aulas atrativas, prazerosas, devolver um trabalho de cidadania na sala de aula e garantir o direito a educação que de alguma forma foi-lhe roubado.

Observando outras classes achei injusta a forma que alguns professores atuavam, como se aqueles alunos encontrados ali, fossem anormais, havendo muito descaso com os jovens e idosos, sendo eu filha de lavradores e moradora de zona rural, tomei esta briga como minha.

Atualmente percebo o quanto esse curso foi importante em meu processo de aprendizagem, e reviver esse momento tem sido de grande relevância para mim. Sei que não para por aqui, pois só estamos na fase do memorial, ainda temos muito chão pela frente..., muita história a contar..., mas finalizo por aqui e deixaremos os momentos futuros para aula da saudade, pois o amanhã não nos pertence.

PARTE 2 – MONOGRAFIA

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CARINHANHA-
BA**

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo proporcionar reflexões sobre a prática pedagógica dos professores da Educação de Jovens e Adultos das escolas do município de Carinhanha-Ba. No decorrer dos anos o estudo sobre as práticas e metodologias de ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA) continua um desafio para os educadores e educandos. É praticamente impossível não refletir sobre a prática daquele que está se formando e sobre quem está formando esse sujeito.

Uma das razões que leva o jovem e o adulto à escola, esta voltada ao resgate de um tempo passado em que os estudos não puderam ser concluídos, e que revelam vários aspectos do contexto sociocultural e econômico. Parte desses alunos busca qualificação para crescimento profissional, a fim de atuar no mercado de trabalho, e desenvolver atividades que possam contribuir como orçamento familiar e assim melhorar a qualidade de vida.

Estes alunos jovens e adultos, ao retornarem para a escola trazem consigo experiências de vida através do seu conhecimento-saber que foi acumulado ao longo de seu crescimento: o saber cotidiano são conhecimentos diretamente relacionados às práticas sociais dos alunos e alunas de EJA. Essas práticas norteiam não somente os saberes do dia-a-dia, como também os saberes aprendidos na escola.

Diante do contexto em que a EJA se encontra, questiona-se o que os professores têm realizado em sua prática pedagógica?

Este questionamento nos leva a pensar em algumas hipóteses, entre elas, como a seguinte: se os professores da EJA não possuem uma boa prática pedagógica, então, suas aulas não poderão ser interessantes para estes alunos, ou ainda se os professores possuem concepção de aprendizagem específica de jovens e adultos, então, suas aulas poderão atender as necessidades destes alunos.

Em decorrência destes questionamentos desenvolvi a presente pesquisa sobre essa temática por acreditar que: as aulas devem ser de qualidade, dinâmica, flexíveis de forma que os alunos não sejam meros receptores, mas indivíduos ativos no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o público-alvo dessa

modalidade é em sua maioria, trabalhadores que vêm para a escola cansados de suas lidas diárias. Sendo assim é de fundamental importância à qualidade da prática docente, o olhar mais íntimo das necessidades e limitações dos estudantes, em especial o público ao qual se refere esse trabalho.

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho foi o de compreender se o professor possui uma formação adequada para lidar com alunos em EJA, uma vez que esse público exige mais desembaraço, flexibilidade e incentivo dos educadores. Haja vista que a falta de preparo adequado e incentivo à qualificação desse profissional, implica no desenvolvimento educacional dos alunos. Delors ressalta que os docentes são afetados pelas mudanças sociais:

[...] por esse imperativo de atualização dos conhecimentos e das competências. Sua vida profissional deve ser organizada de tal modo que estejam em condições, até mesmo, sejam obrigados a aprimorar sua arte e a se beneficiar de experiências vividas em diversas esferas da vida econômica, social e cultural. Em geral, tais possibilidades estão previstas nas múltiplas formas de licença para formação ou de ano sabático; essas fórmulas, devidamente adaptadas, devem ser ampliadas a todos os professores. (DELORS, 2010, p. 35)

Portanto, se faz necessário ampliar os estudos de investigação nesta área de pesquisa, para que se encontrem subsídios que contribuam para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem voltado para a Educação de Jovens e Adultos.

Pela pesquisa se tratar de entender a atuação docente na EJA em Carinhanha-Ba, alguns objetivos foram traçados, dentre eles: coletar informações sobre os professores envolvidos em EJA no Município de Carinhanha; identificar a formação adequada dos professores das escolas da EJA no Município de Carinhanha; identificar a concepção de aprendizagem que embasam a prática dos professores de Jovens e adultos da EJA e analisar a proposta pedagógica da EJA das escolas envolvidas nesse estudo. Quanto ao objetivo geral o estudo pretende: analisar a prática pedagógica dos professores nas escolas que oferecem EJA no município de Carinhanha.

O presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro capítulo nos convida a reflexões sobre a prática pedagógica dos professores em Educação de Jovens e Adultos, enfocando o referencial teórico do estudo. O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada para coleta de dados deste trabalho, bem como, o percurso realizado para análise dos dados. O terceiro e último capítulo é o momento de apreciação dos resultados obtidos na coleta de dados nas escolas da sede do município de Carinhanha, revelando aspectos interessantes acerca da prática dos educadores da EJA.

Faz necessário ressaltar que este trabalho não tem a pretensão de esgotar a temática em debate. Ao contrário, o que se deseja é que por meio dele sejam abertos outros caminhos e suscitar novas pesquisas e estudos para redirecionar, sobretudo a prática pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 OS CAMINHOS DESAFIADORES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EJA

Acredita-se que os problemas que dificultam o sucesso da EJA são muitos. O Brasil tem um índice muito grande de analfabetismo. De acordo com os dados do IBGE, “a região Sudeste apresentou a maior taxa de alfabetização dessa população (88,2%) e a região Nordeste, a menor (69,7%)”. Só no Estado da Bahia o percentual de analfabetos chega a 15,39 %, conforme mostram os dados abaixo:

TABELA 1- TAXA DE ANALFABETISMO EM CADA ESTADO SEGUNDO O CENSO 2010 DO IBGE

Taxa de analfabetismo em cada estado segundo o Censo 2010 do IBGE

Estado	(%)	Estado	(%)	Estado	(%)	Estado	(%)
Distrito Federal	3,25	Santa Catarina	3,86	Rio de Janeiro	4,09	São Paulo	4,09
Rio Grande do Sul	4,24	Paraná	5,77	Mato Grosso do Sul	7,05	Goiás	7,32
Espírito Santo	7,52	Minas Gerais	7,66	Mato Grosso	7,82	Amapá	7,89
Rondônia	7,93	Amazonas	9,60	Roraima	9,69	Pará	11,23
Tocantins	11,88	Acre	15,19	Bahia	15,39	Pernambuco	16,73
Sergipe	16,98	Ceará	17,19	Rio Grande do Norte	17,38	Maranhão	19,31
Paraíba	20,20	Piauí	21,14	Alagoas	22,52		

Fonte: Censo 2010 – IBGE

Como consequência desse alto nível de analfabetismo, advém também a pobreza, o preconceito, a discriminação, a violência, autoestima comprometida, desvalorização e a vergonha dos muitos jovens e adultos que acabam ficando excluídos do acesso à educação.

Vale destacar que a EJA é uma modalidade de ensino que contempla os jovens a partir dos 15 (quinze) anos que não tiveram acesso à escola e quem não conseguiu concluí-lo no seu período normal. É uma luta social e educacional devido a todos os seus contratempos históricos como ressalta Cury:

A escola não chegou a todos os brasileiros. Esta realidade possui uma longa história. Ela começa com o despreço que nossos colonizadores ibéricos tinham para com a leitura e a escrita a ser dada aos habitantes deste país. Para eles, não fazia sentido propiciar educação escolar a um país agrário, enorme e que com ela poderia pleitear a sua independência política. Além disso, sendo um país escravocrata, negava-se a quem não fosse branco o direito de sentar em bancos escolares. (CURY, 2004, p.1)

Com este contexto histórico de privação de conhecimento, marcado pela injustiça com o povo, principalmente com o negro e o indígena, a história da educação só poderia fazer a diferença após muitas lutas e acordos de igualdade de direitos através da EJA. Cury, 2004 p.2, destaca que ao ser inserido na EJA, “o estudante não estará apenas sendo alfabetizado, mas estará resgatando o tempo histórico perdido por “um cidadão mais ativo e em vista de uma sociedade brasileira que venha a ser mais igual e mais justa.”

Assim, diante dessas mudanças sociais e educacionais o objetivo desse estudo é retratar as dificuldades provenientes do despreparo de alguns professores e nos levar a refletir melhor sobre a questão da qualidade, que por direito, deve ser oferecida a população jovem e adulta que não teve acesso ao ensino na idade própria conforme determina a Constituição de 1988 e a LDB/1996. Além disso, ainda busca tratar também da prática pedagógica para que sirvam de bússola aos docentes.

1.1 - EJA, desafios e possibilidades

A EJA surge no contexto educacional brasileiro como instrumento para resgatar e diminuir a exclusão sofrida pela camada menos favorecida que marcou a educação do país. A LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu artigo 37º ressalta que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”, exatamente para garantir o direito à educação, ao respeito e a valorização do cidadão contribuindo para redução de desigualdades.

De acordo com Ireland (2009, p. 36) a maior parte dos professores que atuam na EJA não possuem formação para atuar nessa modalidade de ensino e, o que é

pior, que os cursos de nível superior pouco contribuem para essa formação. Conforme o autor:

obviamente existem os que são muitos bons. Na maioria dos casos, os educadores desse público são improvisados e não têm preparo específico para atender esse público. Há formas diferenciadas de trabalhar com EJA e menos de 2% dos cursos de Pedagogia oferecem formação específica para esse fim.

Esta modalidade é desafiadora e precisa ser vista pelas universidades como tal, pois o Brasil passa por transformações e necessita ampliar e fortalecer seu eixo norteador que é a educação, ou seja, a educação precisa estar preparada, buscar acompanhar este processo de mudanças e preparar este cidadão para tal.

A EJA ainda não foi reconhecida como educação diferenciada, assim como, o poder público ainda não se deu conta da necessidade do preparo e das capacitações dos professores que nela atuarão. Saber reconhecer o seu público, suas necessidades, sua história e como conduzir o processo de aprendizagem requer técnica específica e procura constante de aperfeiçoamento pelo professor. Assim, Vichessi e Diniz ressaltam que:

O processo de alfabetização das turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) está ancorado em práticas indispensáveis de leitura e escrita que também são desenvolvidas com as crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental. Isso não quer dizer que o professor vá trabalhar lançando mão dos mesmos materiais e estratégias com públicos tão distintos. Não faz sentido. Esse é, inclusive, um dos motivos que levam os mais velhos a fracassar e abandonar a escola. (VICHESSI e DINIZ, 2009, nº227)

É importante acentuar que com autoestima comprometida dos estudantes da EJA, muitos se veem incapazes de aprender. A importância do professor dessa modalidade é entender o processo de exclusão e transformar aprendizagem em algo capaz de gerar possibilidades de inclusão profissional, educacional e social. Faz-se

necessário entender este público, porque procuram o curso, o que sabem, o que não sabem, o que querem aprender, como é o meio em que vivem, onde trabalham, o que fazem, sua idade e o que já viveram. Atuar na EJA é realizar uma atividade desafiadora que exige sobretudo, formação e preparo .

1.2 Apenas técnicas não são suficientes

Pode se abrir um debate de como se deve atuar na modalidade EJA, se de forma mecânica ou através de uma construção reflexiva, levando em consideração um público misto, diversificado e com histórias diferentes.

De acordo Vichessi e Diniz (2009), muitos professores da EJA, possuem o hábito de utilizar as mesmas atividades do ensino fundamental, e leva-las para serem aplicadas a jovens e adultos. Ao que se percebe esse é um dos grandes motivos do descaso com os estudantes da EJA, pois esse alunado exige bem mais do que uma simples atividade infantilizada. Requerem um saber sistematizado, aprendizagem do mundo real, e saberes provenientes do contexto em que vivem.

E mesmo quando existe a abordagem de técnicas utilizadas para com os alunos, Veiga, ressalta não ser suficiente e aponta:

Em relação á fundamentação teórica dos cursos de formação de professores, numa revisão de literatura adotada, percebe-se uma predominância de autores que abordam as técnicas de ensino de forma mecânica, não contextualizada. Uma análise dessa literatura é importante uma vez que por seu intermédio é possível identificar-se o significado da aula expositiva veiculada nas instituições formadoras de professores. A utilização das técnicas de ensino, quando assimilada sem uma análise crítica, ocasiona uma pratica pedagógica mecânica, onde predomina a relação autoritária do professor na sala de aula. No que se refere a aula expositiva, a incidência de sua utilização de forma mecânica ou critica parece ainda não ter sido objeto de pesquisas consistente. Entretanto, na vivência da prática pedagógica o que se observa é a predominância de sua aplicação de forma mecânica, desvinculada de uma abordagem critica e provocativa da participação do aluno. (VEIGA, 2002, p.38)

Uma prática pedagógica mecanicista remete a um ensino imposto, sem debates ou compreensão real de seu significado, o que acaba por criar uma barreira na formação de um aluno crítico e questionador. A EJA, assim como qualquer outra modalidade de ensino precisa desenvolver um aluno autônomo e criativo. O professor necessita criar estratégias na sua prática pedagógica de acordo com o diagnóstico realizado na sala de aula para gerar e desenvolver conteúdos, além fortalecer o vínculo de confiança entre professor e aluno.

É necessário, saber da história da comunidade, sua cultura, o que ela é, e assim estabelecer um vínculo, no qual o professor passa a ser o facilitador das mudanças sociais necessárias. Sobre o assunto Vichessi e Diniz destacam:

Outro fator decisivo para o sucesso do grupo está no discurso do educador. Ele deve conversar constantemente com os alunos sobre as estratégias que adota, expondo os motivos que o levam a organizar as atividades. "Muitos deles acham que ditar um texto para o professor não faz sentido e a leitura em voz alta feita por ele nada mais é que uma perda de tempo", diz Sandra Medrano, coordenadora pedagógica do Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária (Cedac), em São Paulo. O histórico de fracasso escolar também precisa ser levado em consideração - para alguns estudantes, a possibilidade de errar ao ler e escrever amedronta, quando deveria, na verdade, ser encarada como uma etapa natural da aprendizagem. (VICHESSEI e DINIZ, 2009, nº 227)

As autoras Vichessi e Diniz discutem que este aluno está em busca do diálogo, quer fazer parte, entender onde está sendo incluído, isso o faz sentir-se seguro e respeitado, principalmente capaz de interiorizar o que esta sendo ensinado.

Por se tratar deste público, respeitar os saberes e construções desenvolvidas ao longo do tempo é primordial. Este legado deveria ser levado muito mais a sério e executado cotidianamente nas salas de aulas, Paulo Freire (2005) em sua obra "A Pedagogia do Oprimido" enfatiza bem isso, quando explica que ao chegar à escola o aluno vem imbuído de uma gama de conhecimentos, o que cabe aos educadores é incentivar e instigar esse conhecimento ao favorecimento de algo amplo e contemplador.

Na visão de Freire (1996), o desafio da educação popular é estimular o aluno a perguntar, a criticar, a criar, articulando este saber com o saber científico, mediado pelas experiências do mundo. Paulo Freire chama atenção para um fato, que pode parecer incoerente, o oprimido tem medo de libertar-se. Assumir o papel de oprimido é conveniente aos dominados uma vez que não se responsabilizam pela sua própria vida, pelo seu próprio destino, assim precisam resgatar esta autonomia e sair da área de conforto.

Trabalhar o processo-aprendizagem interligado a vivência do aluno é o objetivo de uma aprendizagem condizente com a realidade dos estudantes. Assim esta aprendizagem segue transformando pessoas. Soares aponta:

Finalmente, uma concepção de alfabetização que transforma as relações sociais em que se alfabetiza: o alfabeto considerado não como aluno, mas como participante de um grupo. O alfabetizador considerado não como professor, mas como coordenador de debates; a interação entre coordenador e participantes considerada não como aula, mas como diálogo. O próprio contexto em que se alfabetiza é alterado: não a sala de aula, mas o círculo de cultura. (SOARES, 2011, p. 120)

Assim vai ficando cada vez mais claro o papel do professor da EJA. Ele é o grande facilitador do processo que norteia o diálogo e evoca no aluno a participação da construção do espaço de ensino-aprendizagem. Diante desta forma de ensinar não tem como ter uma prática pedagógica mecânica, há a necessidade de ser flexível e trabalhar a realidade do aluno. Quem nos mostra a importância de conhecer a realidade do aluno é Brandão:

Das muitas conversas com o mundo da comunidade: pessoas, casais, famílias, pequenos grupos, equipes locais, todas as situações de vida e trabalho podem ser exploradas. É tão importante saber como os lavradores do lugar fazem o seu trabalho com a terra, como saber de que modo as mulheres guardam a sabedoria do cuidado de seus filhos. O vivido e o pensado que existem vivos na fala de todos, todo ele é importante: palavras, frases, ditos, provérbios, modos

peculiares de *dizer*, de *versejar* ou de *cantar* o mundo e *traduzir* a vida. (BRANDÃO, 2005, p. 27)

Conhecer a cultura, a bagagem do aluno, o que ele sabe fazer contribui no processo aprendizagem, pois acaba sendo o aluno a dar ferramentas que poderão ser utilizadas pelo professor como estratégias de ensino-aprendizagem. Partindo da contemplação e valorização do ambiente em que o aluno vive estimulando o a autonomia e possibilidade de crescimento.

Então qual a melhor forma de atuar na EJA? Conforme o que já se tem estudado apenas as técnicas não são suficientes, o que leva o professor a ter ainda dificuldades em entender como deve atuar na sala de aula. Entretanto, o autor supracitado ressalta:

Nada é rígido e não há receitas. Nada é lei, a não será as leis da lógica do ato de aprender e os princípios gramaticais da língua. Há uma proposta de trabalho - diálogo e uma lógica no processo coletivo de aprender a *ler* e a *escrever*. Fora disso cada situação e coisa alguma é melhor para um círculo de cultura para a comunidade qual o círculo se abre do que aquilo que a sua gente descobre, como que favorece uma leitura correta da língua, que é a parte desta realidade. (BRANDÃO, 2005, p. 69)

A reflexão acima aponta então para a necessidade de se criar, de dinamizar a prática pedagógica uma vez que receitas prontas não existem. O professor tem que realizar a busca por uma qualidade de trabalho, por uma educação de verdade, realmente aprendida pelo aluno.

1.3 Reflexos da falta de preparo do professor *versus* entusiasmo do aluno em sala de aula

Em qualquer profissão escolhida quando não preparado, traz consigo medo e insegurança. Trabalhar com seriedade na EJA não significa ser apenas dedicado, há necessidade de mudar paradigmas e evocar nova forma de atuar. Existem outros fatores que comprometem a prática pedagógica na EJA, são elas: a falta de investimento no aperfeiçoamento e em capacitações; a falta de material didático de apoio ao professor, que seja dinâmico e diversificado e a falta do planejamento.

No que se refere à falta de preparo do professor no sentido de saber lidar com a EJA, de não consegui-la colocar em prática devido ao não entendimento de sua filosofia. Muitos professores ainda por falta de preparo acabam por sentirem a perda do controle da sala de aula como retrata Veiga:

[...] reduzindo a participação do aluno na aula expositiva os autores de tendência pedagógica tradicional ressaltam o autoritarismo do professor, também, reduzem a aprendizagem apenas a níveis superficiais considerando que não ressaltam a oportunidade de questionamento por parte dos alunos. Neste aspecto, alguns autores deixam entender que, dependendo do grau de estruturação do conteúdo, questionamentos não são permitidos porque acabam por interferir na ordenação lógica das ideias do professor. (VEIGA, 2002, p.40)

São professores que atuam de forma impositiva, não permitindo aos alunos o direito de exercer suas reflexões e de pensar sobre sua realidade e conseqüentemente sobre sua aprendizagem, tirando-lhes a autonomia e a liberdade de expressão.

Convém destacar a reflexão de Freire (1979), quando diz que a teoria é um princípio de inserção do homem na realidade como ser que existe nela, e que existindo promove a sua própria concepção da vida social e política. A EJA necessita de uma metodologia diária de atuação que se adeque a realidade do aluno, e partindo deste prisma Cagliari resalta que:

[...]não basta saber escrever, para escrever. É preciso ter uma motivação para isso. Grande parte da população das cidades trabalham em serviços que não exigem a escrita. Por isso os programas de alfabetização _ sobretudo de adultos _ precisam ser elaborados não em função de uma cultura julgada ideal e excelente para todos, mas de acordo com as reais necessidades e anseios de cada um. (CAGLIARI, 2007, p. 102)

Cagliari quando faz esta discussão sobre o anseio de cada um, nos motiva a refletir sobre qual o anseio de cada aluno? Será que o professor ouve e dialoga com seu alunado? São questionamentos que todos deveriam fazer ao assumir uma sala de aula de EJA, saber quem é cada um, sua história e principalmente motivá-lo pela atitude de resgate de sua própria história. A própria LDB ressalta no artigo 4º inciso VII que a “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”. Uma vez que o professor faz parte do Poder Público, esta automaticamente inserido no processo de viabilizar e estimular o aluno da EJA a permanecer na escola. Essa motivação se dá na medida em que o professor tem uma prática pedagógica voltada para as necessidades dos alunos.

Em relação à prática, Freire (1979, p.40) diz que esta "é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo." Assim, há uma relação dialética entre teoria e prática. Uma relação de interdependência onde uma não existe sem a outra. É uma relação que almeja a busca de postura, de atitude do homem consigo e com a sua realidade. Se essa relação discutida por Freire for compreendida, o educador poderá ter claro que teoria e prática não se separam, ou seja, o vínculo teoria e prática formam um todo onde o saber tem um caráter libertador e essa relação aponta para a comunicação, onde o ato pedagógico é uma ação que não consiste apenas em comunicar o mundo, mas criar dialogicamente um conhecimento do mundo através de uma prática que transforme a realidade opressora.

1.4 Trabalhando a realidade

Muitos são os professores que ao trabalhar com jovens e adultos, acreditam que pode atuar como atuavam em outros níveis ou modalidades de ensino. Tanto que Vichesse e Diniz (2009) ressaltam esse pensamento quando retratam que:

Os alunos da EJA não são crianças grandes e não podem ser tratados como tal em sala de aula. "São pessoas com experiências de vida, já bastante recheadas de saberes. E, ainda que não formais, eles precisam ser levados em conta", explica Vera Barreto, presidente do Vereda - Centro de Estudos em Educação. Além do mais, usar o material das crianças pode não despertar o interesse desses alunos. "Sabendo disso, é preciso escolher textos e músicas, por exemplo, que tenham a ver com o mundo desses estudantes e despertem a curiosidade deles, descartando o que é destinado aos pequenos", diz Francisco Mazzeu, pedagogo e professor do Departamento de Didática da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus de Araraquara. (VICHESSI e DINIZ, 2009, n°227)

As autoras discutem a falta de contexto da realidade no ensino. Trazer a realidade do aluno para dentro da sala de aula, nessa realidade incluir não somente o meio em que vive como a sua condição de jovem e/ou adulto, e que não devem ser tratados como crianças grandes. As autoras apontam ainda:

Atividades que envolvam poemas de Cora Coralina (1889-1985), contos de Luis Fernando Verissimo e crônicas de Walcyr Carrasco - entre outros gêneros e autores, reportagens de revistas e jornais sobre o aumento do salário mínimo ou canções de Erasmo Carlos, Neguinho da Beija Flor e Cauby Peixoto - são muito mais adequadas do que as propostas que usam parlendas e histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e livros que reúnem contos como Chapeuzinho Vermelho. A seleção dos autores deve ser sempre feita de acordo com os temas que eles abordam - sempre precisam estar conectados diretamente com o mundo adulto - e, é claro, com a qualidade apresentada pelo material escolhido. (VICHESSI e DINIZ, 2009, p.227)

A prática pedagógica a ser aplicada na EJA exige uma constante busca e interesse do professor, pois estará ligada direto com o contexto social destes alunos. As técnicas terão que ser inovadoras de acordo com a realidade de cada

comunidade ou local. Será necessária uma escuta da realidade do aluno, buscando associar teórica e prática.

Trabalhar a própria realidade desses estudantes e fazê-los compreender de forma crítica e significativa, o contexto social em que vivem é papel do professor desta modalidade de ensino. Promover o diálogo e a integração de outras políticas sociais na vida desses sujeitos aprendizes é de extrema necessidade. Sobre isso, Santos e Silva, assim se expressam: “A oferta de um ensino para jovens e adultos deve vir acompanhada de outras políticas integradoras, para que o conhecimento encontre funcionalidade social e não configure milhares de analfabetos em analfabetos funcionais.” (SANTOS e SILVA, 20011, p. 77).

Alguns estudiosos em seus trabalhos afirmam que a EJA, não esta funcionando em sua primazia, que tem como papel o resgate ao direito perdido ao longo das grandes batalhas do direito à educação. A EJA vem como possibilidade de resgate destas oportunidades perdidas, vem como ato transformador da educação e condição social do país.

Assim o entendimento de uma educação baseada em vivências e realidade local se faz necessária para que a educação transforme cidadãos, e Veiga, chama-nos exatamente a atuar:

Ouvindo cada aluno falar sobre, sua realidade, suas experiências de vida no contexto em estudo, o professor caminha com eles na busca de uma compreensão crítica, e ao mesmo tempo científica, da realidade global. Essa pesquisa da vivencia dos alunos transporta-os para além dos limites do conteúdo restrito da aula e até do currículo do curso. Paralelamente os alunos são despertados para observar melhor a realidade à sua volta e para estarem atentos aos acontecimentos fora dos limites da instituição de ensino. Nesse sentido, tornam-se pesquisadores ativos do conteúdo junto com o professor, embora não tenham recebido roteiro preestabelecido para isso. (VEIGA, 2002, p. 43)

A reflexão estabelecida por Veiga comove, pois ela não fala diretamente a EJA, mas sim de toda forma de ensinar. Forma nada mecanicista, mas calorosa, preocupada com o contexto do alunado, preocupada em diagnosticar este grupo a

ser trabalhado. E assim estimula-lo a aprendizagem como ferramenta de evolução, dignidade, e principalmente oportunidade.

Trabalhar a realidade começa a ser o enfoque de vários autores estudiosos como, Martins destaca:

[...] os professores começam a tentar praticas mais coletivas de planejamento, [...] passam a questionar a inadequação dos conteúdos a realidade dos alunos. Realidade ligada ao nível de maturidade e interesses individuais dos alunos. Há também tentativas isoladas de relacionar os conteúdos programáticos á experiência pratica ou vivencia dos alunos. (MARTINS, 1998 p.64)

Essa necessidade de repensar coletivamente a prática pedagógica faz com que muitos professores comecem a planejar em equipe, trocar experiências começam a perceber que isoladamente não é possível defender essa modalidade. As discussões e o debate começam a ganhar força. A inquietação quanto às metodologias de ensino de jovens e adultos, incomodam e servem para reflexão de hoje. Vale ressaltar que são temáticas que incomodavam professores na década de 90, influenciados principalmente pelas mudanças sociopolíticas. Diante da discussão Martins destaca:

Nesse momento, a contra posição a didática instrumental bem como questão de fundo uma preocupação com o político, assume-se um projeto ético, político, social mais amplo, que leva em consideração as camadas mais pobres da população. Constata-se uma nova realidade social que surgiu e passou a ser vista e caracterizada como composta de classes sociais distintas. Assim, começa-se a perceber que já não funcionam homogeneamente e, então, há de se levar em consideração as diferenças entre as classes sociais. (MARTINS, 1998, p.66)

As mudanças sociais começam a se intensificar nesse contexto educacional, uma vez que poucos tinham o direito a estudar, e abrir-se a uma política homogênea, proveniente de muitas lutas, atribuindo à educação como direito de qualquer cidadão. Cury também discuti sobre a educação como direito quando ressalta:

Durante muitos anos, a Educação de Jovens e Adultos não se chamava assim. Ela já se chamou madureza, suplência, supletivo, alfabetização entre outros nomes. Por não representar um direito, este ensino nem sempre foi assumido por profissionais do ensino. Era muitas vezes atendido por pessoas de boa vontade, voluntários ou mesmo por docentes que aplicavam sobre adultos os mesmos métodos com que ensinavam crianças e adolescentes. (CURY, 2004, p. 3)

Por conta da atuação das diversas pessoas, profissionais do ensino ou não, a EJA foi ganhando ao longo dos tempos um caráter mais que educativo. Ela atua também como agente transformadora e conscientizadora dos direitos garantidos pela Constituição Brasileira, como por exemplo, o direito à educação, ao acesso a informação, a conhecimentos reflexivos e contextualizados, proporcionando e estimulando criticidade e efetividade do estudante jovem e adulto.

Freire com sua visão revolucionária quanto à defesa da aprendizagem coloca em evidência o seguinte:

[...] um educador humanista, revolucionário, (...). Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido de humanização de ambos. Do pensar autêntico e não no sentido da doação, da entrega de saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. (FREIRE, 2005, p.71)

Se o educador não acreditar em seus educandos, ele não conseguirá ver resultados positivos de aprendizagem, como a autonomia e criticidade diante da vida. Este apenas passará de forma mecânica o conteúdo, sem o ato reflexivo. Sem esse, entretanto, não há a introjeção do saber no indivíduo. Freire reafirma ainda:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo 'encha' de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como 'corpos conscientes' e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.(FREIRE, 2005, p. 77)

A educação, portanto é então ferramenta de libertação. Assim sendo, como utilizá-la? É o que falta na atuação do professor da EJA, saber utilizar esta ferramenta, saber dirigir a nave espacial do conhecimento ao outro. E quando Freire (2005), fala da problematização ele tem a intencionalidade da vivência, uma situação vivida e resolvida é introjetada como experiência, ou seja, aprendizagem. A importância de trazer para dentro da sala de aula a realidade do aluno, sua problematização e a reflexão para os caminhos a serem escolhidos.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA

Para análise da prática pedagógica dos professores em EJA foram escolhidas quatro escolas localizadas na sede do município de Carinhanha, onde foi realizada uma pesquisa a partir da abordagem qualitativa, enfocando-se particularmente a prática pedagógica de 4 professores, todos pertencentes à rede municipal de ensino.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados constituem-se em uma análise documental, que no primeiro momento foram levantados junto a Secretaria Municipal de Educação. Quanto aos professores que atuam na modalidade, identificaram-se primeiramente quais suas formações, em qual localidade trabalham e há quanto tempo esta atuando na EJA segmento I.

Em seguida foram realizadas observações nas salas de aula dos professores do primeiro segmento da EJA, nas escolas

- Escola Municipal Antônio Pereira;
- Escola Municipal José Braz Cavalcante;
- Escola Municipal Dindinha Jove; e
- Escola Municipal Otávio Samuel dos Santos

a) Escola Municipal Antônio Pereira

A Escola Municipal Antônio Pereira é uma escola de porte médio que atende aproximadamente um total de 550 alunos, muitos do bairro no qual esta localizada e outros alunos que vem da zona rural próxima à sede. Nesta escola obteve-se como público EJA:

TABELA 2 – PÚBLICO EJA DA ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO PEREIRA

Turma	Matriculados	Desistentes	Presentes
1º - 4º ano	25	13	12
5º - 6º ano	26	23	3
5º - 6º ano	30	19	11
7º - 8º ano	20	12	8
7º - 8º ano	28	21	7
Total	129	88	41

Fonte: Secretaria da Escola Municipal Antônio Pereira

Os alunos que frequentam esta escola tem um perfil de baixa renda, onde suas famílias vivem de “bicos”, alguns são pescadores, pedreiros, agricultores familiares e domésticas. Muitos destes alunos já trabalham para ajudar nas despesas de casa, dificultando a aprendizagem, uma vez que quando vão à escola estão cansados.

A estrutura física da escola é composta por dez salas de aulas que não possui carteiras suficientes e mobiliários adequados; sala da diretoria; uma sala de secretaria; biblioteca que não possui livros, há somente o espaço vazio, cantina pequena sem estrutura para atender as necessidades da escola; um laboratório de informática sem funcionamento por falta de instrutor e manutenção; banheiros femininos e masculinos; Há também na área externa da escola um espaço no qual a se trabalha com o projeto horta escolar; e um auditório em construção. No que se refere aos recursos humanos da escola têm no seu quadro de funcionários: um porteiro, uma diretora, uma vice-diretora, vinte professores, duas coordenadoras pedagógicas, uma merendeira, uma copeira, e quatro faxineiras.

b) Escola Municipal José Braz Cavalcante

A Escola Municipal José Braz Cavalcante, inaugurada em dezembro de 2004, é uma escola de médio porte com mais de 600 alunos matriculados entre Ensino de 1º ao 9º ano e o ensino Regular da EJA- Educação de Jovens e Adultos. Está localizado no Bairro São Francisco, um bairro que apresenta um contexto social bastante diversificado. A EJA matriculou um total de 58 alunos distribuídos da seguinte forma:

TABELA 3 – Público EJA da Escola Municipal José Braz Cavalcante

Turmas	Matriculados	Desistentes	Presentes
1º - 2º ano	19	15	04
3º - 4º ano	20	12	08
5º - 6º ano	19	04	15
Total	58	31	27

Fonte: Secretaria da Escola Municipal José Braz Cavalcante

A maioria das famílias dos alunos dessa escola não tem trabalho fixo e o único meio de renda são os chamados “bicos”, ou os programas do governo federal como o Bolsa Família. Alguns são pescadores artesanais, mães domésticas, mas vale ressaltar que o desemprego é muito grande.

Em sua estrutura física, a escola possui dez salas de aula, uma sala da Diretoria, no momento não há sala de professores, pois a mesma foi substituída tornando se um laboratório de informática, que ao todo são dois, não há quadra esportiva, somente o espaço. Não existe biblioteca, os livros ficam todos na secretaria.

No que se refere aos recursos humanos a escola conta com quatorze professores de ensino fundamental I e nove de ensino fundamental II. Há também duas turmas de EJA segmento I e duas do segmento II. Existem atuando três coordenadores, um para o ensino fundamental I, outro para o Ensino fundamental II e um para o Programa Mais Educação. E a equipe de apoio que é um porteiro e duas cozinheiras.

c) Escola Municipal Dindinha Jove

A Escola Municipal Dindinha Jove, localiza-se no bairro Alto da Colina, atende um público 526 alunos, tanto deste bairro, quanto de outros como Conjunto Habitacional Pequizeiro I, e alguns alunos da zona rural. A escola matriculou no ano de 2012 um total de 138 alunos na EJA.

Quanto aos recursos humanos a escola é composta de nove funcionários de apoio (merendeiras, faxineiras, porteiro, auxiliar de serviços gerais) e vinte e um professores. Uma diretora, duas vice-diretoras e três coordenadoras pedagógicas, sendo uma do Programa Mais Educação. A escola desenvolve além o Programa Mais Educação, que está em fase inicial de implantação, outro projeto importante que é o Programa Educando com a Horta Escolar. Os alunos participam também de aulas de informática pelo Programa PROINFO.

Em sua estrutura física a escola possui um espaço amplo na qual se encontra a Horta Escolar; uma quadra poliesportiva, o que vem motivando os alunos a permanecer na escola e quatro salas novas sendo construídas. Entretanto, algumas

salas antigas e os banheiros ainda se encontram em más condições necessitando de reformas. Questionada a respeito dessas condições a escola se pronunciou otimista. Há um total de nove salas de aula, uma biblioteca, uma diretoria, uma sala de mídia, pátio, cantina e os canteiros do Programa Educando com a Horta Escolar.

A participação comunitária se dá através de eventos, reuniões, Conselho Escolar, Conselho de Classe. A unidade escolar possui o Grêmio Estudantil, mas este não se encontra atuante.

d) Escola Municipal Otávio Samuel dos Santos

A Escola Municipal Otávio Samuel dos Santos, municipalizada esta localizada a Rua Antônio Abreu s/n, bairro Alto da Colina, sendo uma instituição pública, atende aproximadamente 205 alunos, sendo 2 turmas de educação infantil, 2 turmas do 1º ano, 2 turmas do 2º ano e 2 turmas do 3º ano, todos eles funcionando nos horários matutino e vespertino. No período noturno funciona apenas uma turma de TOPA – Todos pela Alfabetização, com 09 alunos, este um programa desenvolvido pelo Governo da Bahia para atender pessoas que nunca tiveram acesso a escola a partir dos 15 anos de idade. Possui também mais duas salas com alunos do Brasil Alfabetizado, uma com 7 alunos e a outra com 5 alunos. A turma da EJA é composta por apenas 14 (catorze) alunos.

Essa é uma instituição pequena, que tem somente quatro salas de aula, uma secretaria, uma cozinha, banheiros feminino e masculino, possui um laboratório de informática com quinze computadores, porém, ainda não estão funcionando por problemas de instalação e da internet. No espaço vago ao lado trabalham com o projeto horta escolar. A condição ambiental da escola é de boa qualidade e os espaços físicos estão sempre limpos e bem arejados.

Os recursos humanos compreende duas faxineiras, uma cozinheira, não tem porteiro, oito professores, três já possuem graduação em Pedagogia, quatro estão cursando pedagogia. A gestora está concluindo a graduação em Matemática, a Coordenadora é graduada em Pedagogia e fez especialização em Psicopedagogia, a vice-diretora não tem graduação, diz ter trancado a faculdade por problemas de saúde.

A escola trabalha a partir dos princípios de seu PPP – Proposta Político Pedagógico está sempre interagindo com as famílias, através de reuniões e eventos. As famílias por sua vez apresentam-se participativas. Essa escola procura deixá-los bem informada de tudo que acontece em seu cotidiano. O calendário escolar foi feito coletivamente e nele estão organizados os dias letivos, bem como os feriados que acontece durante o ano letivo.

Os professores trabalham na perspectiva dos PCNs com o intuito de adotar uma metodologia para melhor atender as necessidades dos alunos, pois se preocupam com a qualidade do ensino, procurando meios para oferecer um bom trabalho e atender a demanda da escola com dinâmicas diversificadas para refletir na vida futura dos educando.

Na observação das escolas descritas acima, foram levantados questionamentos sobre o professor, a escola, os alunos, conteúdos e metodologias.

A observação foi fundamental para perceber os diversos aspectos da prática pedagógica dos professores das referidas escolas. Como destaca Barros e Lehfeld a observação:

[...] pode ser flexível e utilizada dentro de qualquer metodologia de pesquisa, tanto de abordagens quantitativas como qualitativas. Porém, o bom observador é aquele que, ao decidir-se pela observação, deverá preparar o seu desenvolvimento, o seu emprego e formas de registro (BARROS e LEHFELD, 2004, p. 77).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores das escolas pesquisadas para compreender e identificar as facilidades e as dificuldades diante da prática pedagógica, bem como os instrumentos que estes utilizam para planejar suas aulas e ainda, como lidam com a multiplicidade de idades na sala de aula e a formação que possuem para atuar na EJA.

Mesmo não sendo totalmente estruturada, a entrevista requer conforme Lakatos e Marconi (2001 p.199), “tempo do pesquisador deve ter uma ideia clara da informação de que necessita e exige algumas medidas”, como planejamento, a

oportunidade da entrevista, condições favoráveis, contato com líderes, conhecimento prévio do campo, e preparação específica.

Para obtenção de mais dados e envolvimento do professor com a pedagogia voltada para o público da EJA, foi aplicado questionários para fortalecer a análise e interpretação dos dados, pois de acordo com Barros e Lehfeld (2004 p. 74) “a apresentação do questionário deve ser a melhor possível. Deve-se preocupar com o tipo de letra, de disposição das questões e de papel”.

A aplicação dos questionários foi realizada depois das visitas as escolas e as observações realizadas em salas de aula, para melhor entendimento da dinâmica dos envolvidos.

Assim para uma produção satisfatória a coleta de dados nos leva para mais perto da realidade, das reais necessidades desta modalidade de ensino, como também visualizar mecanismos que facilitem o desenvolvimento da EJA na cidade de Carinhanha.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS ENCONTRADOS

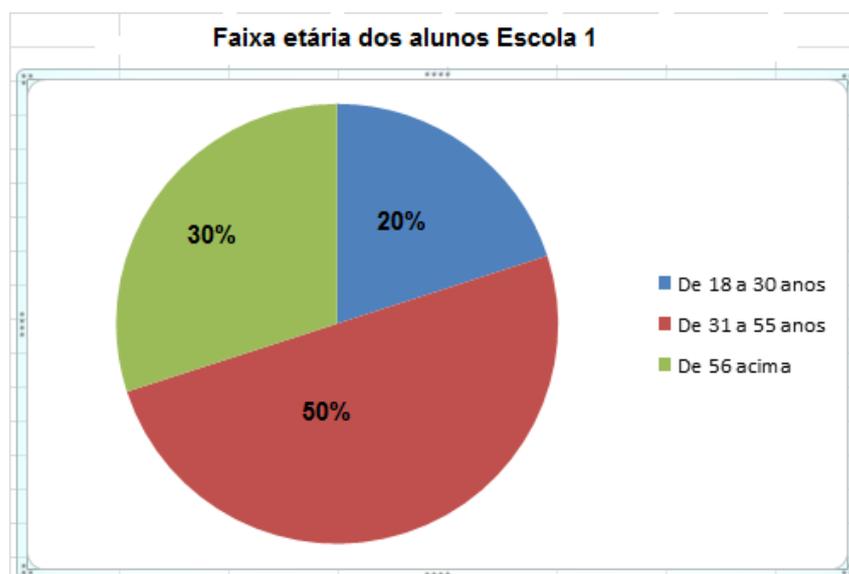
Neste capítulo será apresentada a pesquisa realizada com alunos e professores do I seguimento da EJA, de duas escolas localizadas no município de Carinhanha, com o intento de apresentar as dificuldades encontradas tanto pelo docente como pelo discente.

Através de questionários aplicados a alunos e professores e de observações, realizadas nas escolas, fica mais claro o entendimento do processo de aprendizagem e suas dificuldades e, possíveis caminhos tornam-se ferramenta de aperfeiçoamento e primazia na construção da aprendizagem e reaprendizagem.

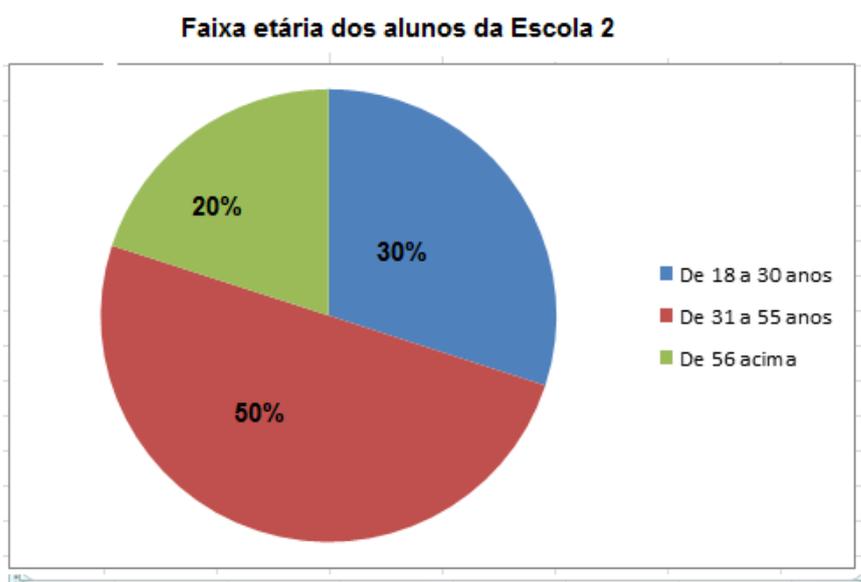
3.1 Resultado e Análise da Pesquisa com alunos

Para melhor conhecimento dos estudantes da EJA, foi aplicado um questionário aos alunos, com quatorze (14) respondente. Neste questionário tentou-se entender a relação do aluno professor, suas dificuldades na sala de aula, e nas séries anteriores.

Na Escola 1, os 5 (cinco) alunos entrevistados concluíram que o professor responde aos critérios de pontualidade, frequência e domínio de aula. Pode-se perceber a confiança que os alunos direcionam ao educador. A Escola 2, apresentou um número maior de questionários respondidos, foram 9 (nove) alunos, apontando um resultado no qual o professor responde aos critérios mencionados. Todos concordam que seus professores são pontuais, frequentes e possuem domínio de conteúdo para ministrar a aula.

GRÁFICO 1 – FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS ESCOLA 1

No Gráfico 1 foi identificado que a turma é mista no que se refere à faixa etária, dificultando ao professor alcançar os objetivos propostos em sala de aula, pois os mais velhos que representam 30% requerem mais tempo devido as debilitações do corpo, como visão e maior lentidão do raciocínio, (esses aspectos ficam mais marcantes na faixa acima de 56 anos. Não é o caso dos alunos da faixa entre 31 a 55 anos, pois é a faixa considerada produtiva.

GRÁFICO 2 – FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS DA ESCOLA 2

O gráfico 2 referente à Escola 2 apresenta conforme a legenda, que os estudantes acima de 56 anos são em menor número, apenas 20%. O maior percentual está entre os de 31 a 55 anos, ou seja, os que estão na fase produtiva percentual. A professora desta escola relata que a experiência pedagógica adquirida ao longo dos anos atuando na EJA ajuda muito a lidar com essa modalidade de ensino, sobretudo quando a turma apresenta variação de idade.

Outro aspecto que o professor da EJA deve estar atento é quanto as dificuldades que os alunos enfrentam no processo ensino aprendizagem. De acordo com os dados pesquisados, uma das maiores dificuldades esta no uso de cálculos. Assim o gráfico nos mostra que a maior das dificuldades está então nas disciplinas que envolvem o raciocínio matemático

GRÁFICO 3 – MAIORES DIFICULDADES DOS ALUNOS DA ESCOLA 1

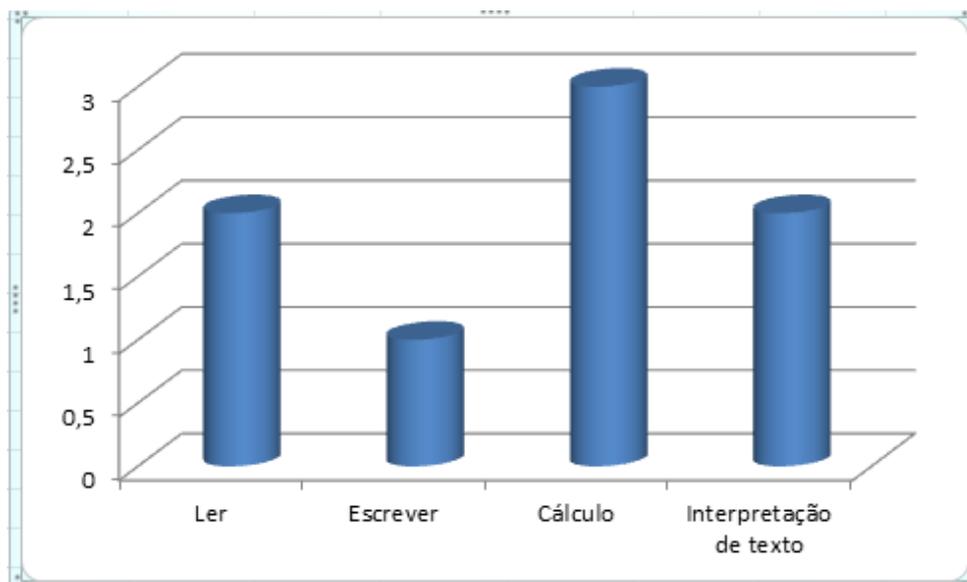
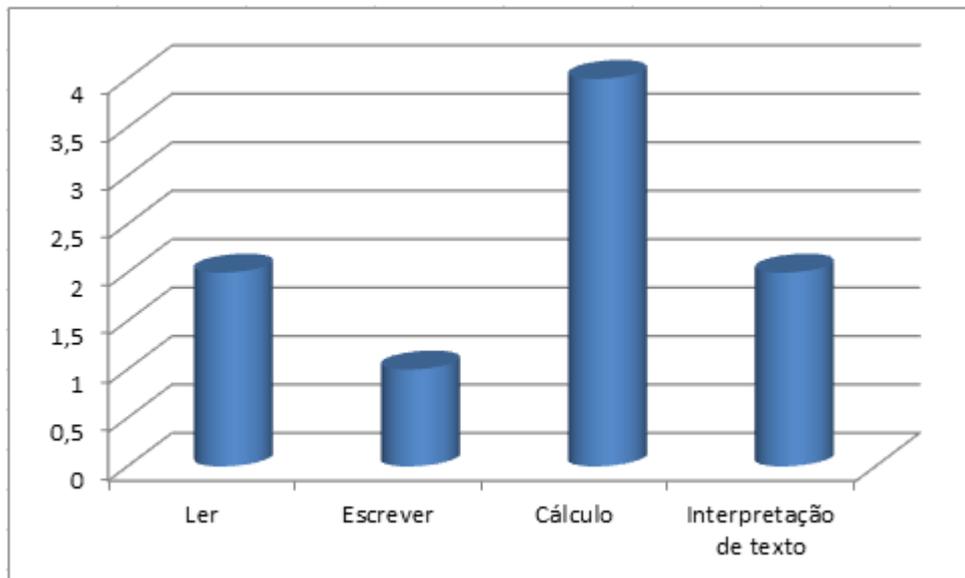


GRÁFICO 4 – MAIORES DIFICULDADES DOS ALUNOS DA ESCOLA 2

Tanto no Gráfico 3 quanto no 4 o ato de escrever é visto como menor dificuldade principalmente porque ele é respaldado no copiar. Já a leitura e interpretação de texto exigem do aluno mais raciocínio e observação da realidade. O professor nesse contexto precisa ser o mediador entre o que o estudante já sabe e aquilo que ele precisa saber. Quando o professor consegue entender o processo fica clara a importância dele para que os alunos se sintam mais seguros e incluídos em sociedade. De acordo com Cagliari:

a escrita seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala. Alguns tipos de escrita se preocupam com a expressão oral e outros simplesmente com a transmissão de significados específicos, que devem ser decifrados por quem é habilitado (CAGLIARI, 2007,p. 103).

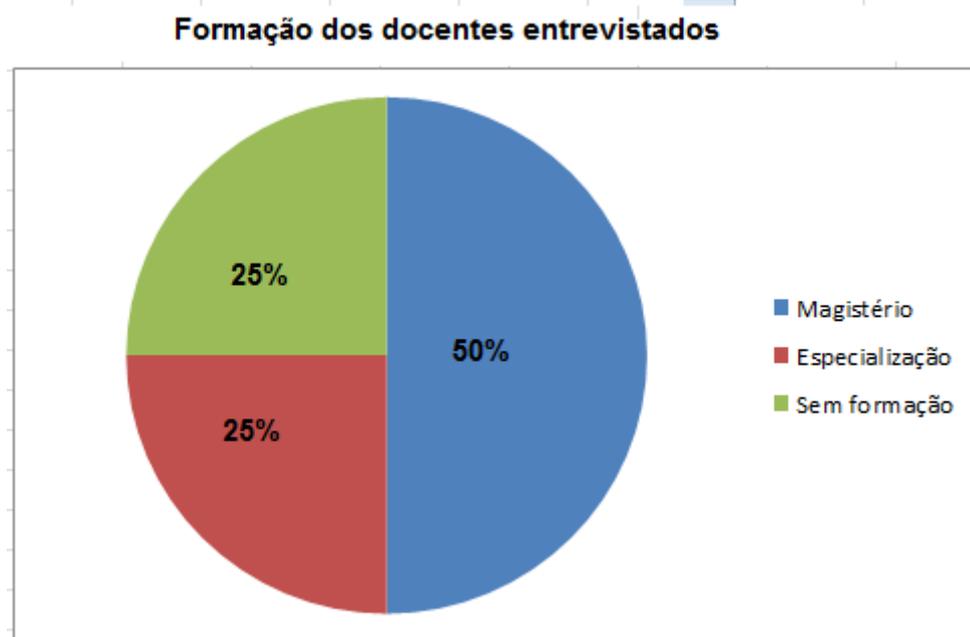
É interessante nesta discussão de Cagliari, observar que uma aluna idosa de 60 anos, possuía boa desenvoltura na leitura e escrita. Diante do exposto percebe-se que sua facilidade na aprendizagem se deu pelo contato que obteve quando os filhos sentavam a mesa para estudar. De acordo com a idosa aquele momento a fascinava facilitando sua aprendizagem e interesse, ou seja, o contato com os símbolos e seus significados foi fundamental para que ela pudesse não somente

aprender a ler e escrever, mas também estabelecer uma relação de troca de conhecimentos.

3.2 Apresentação e discussão dos dados recolhidos com os professores.

Foi aplicado o questionário com questões abertas e fechadas em que os quatro professores selecionados puderam responder sobre sua prática pedagógica, conforme questionário em anexo..

GRÁFICO 5 – FORMAÇÃO DOS DOCENTES ENTREVISTADOS



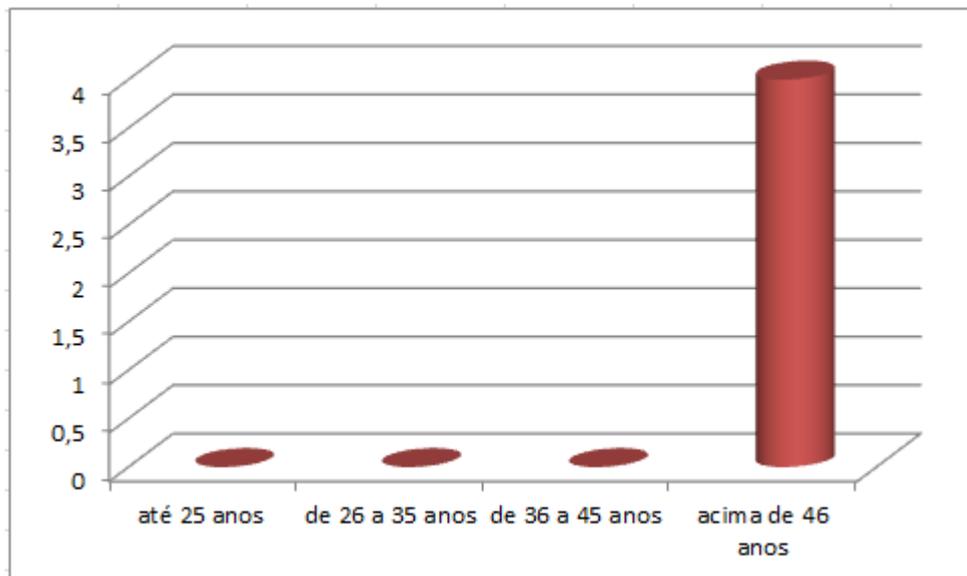
O gráfico 5 mostra, que os professores que atuam na EJA tem formação diversificada. Um deles não possui formação na área de educação, e foi remanejado de outro setor para essa função. Destes, dois tem apenas o magistério. Dos quatro professores que participaram da pesquisa apenas um tem graduação e pós-graduação. Verificou-se em uma das entrevistas com os professores que a experiência é uma grande aliada, mas sozinha sem a formação ou capacitação, é complexo desenvolver atividades com alunos da EJA, uma vez que é um público

diferenciado, com idade avançada na grande maioria, ou mais adolescentes / jovens que possuem alguma dificuldade de aprendizagem e que tem um extrato social baixo. É importante destacar a dificuldade de se trabalhar a realidade do aluno, saindo do quadro e giz, e contextualizar a aprendizagem em vivências, ou seja, a proposta da educação popular, cuja metodologia desenvolvida por Paulo Freire. Conforme destaca

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo (...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (FREIRE,1996, p.68).

A educação passa a ser vista como uma via de mão dupla, uma troca, e os dois lados tem que estar aberto a esta experiência e dando ressignificados ao ato de aprender e ensinar.

GRÁFICO 6 – FAIXA ETÁRIA DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS



De acordo com o Gráfico 6 os professores entrevistados têm acima de 46 anos

GRÁFICO 7 – SEXO DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS

No Gráfico 7, 75% dos estudantes da EJA são mulheres. Essa informação evidencia que o corpo docente que atua na EJA é em sua maioria do sexo feminino. Três dos professores pesquisados são casados e um dos professores é solteiro. Todos realizaram concursos de provas e títulos pela rede municipal de ensino. Segue abaixo um pouco sobre o que foi observado e respondido nos questionários aplicados.

3.3 –Um olhar sobre o espaço escolar de atuação da EJA

As observações realizadas na escola 1, foram em 2 dias de aulas. O professor da referida escola, tem apenas um ano que atua na EJA, e percebe-se que alguns de seus alunos sabem ler e escrever. No entanto, a professora tem o hábito de dar respostas prontas aos alunos e isso acaba tirando a autonomia dos mesmos. No livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2005, p. 95), ressalta que “como professor não é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que eu não sei.” O Professor da escola 1 descreve que detecta os interesses e as necessidades do aluno conforme interesse no momento das explicações e empenho da escrita e leitura das

atividades. É perceptível que esta professora não consegue relacionar o planejamento das aulas com o mundo real dos educando, no entanto os trata de forma carinhosa e cuidadosa. O conteúdo das atividades parece ser retirado de livros do ensino fundamental, dificultando a aprendizagem dos alunos, além dos mesmos serem avaliados com notas.

No período das observações realizadas na escola 2 o professor conseguiu trabalhar a realidade dos alunos de forma inovadora, discutindo sobre a qualidade de vida da cidade, retratando o antes e o agora com base em um texto de leitura e interpretação, voltado para o contexto do educando como diria Freire “a linguagem de mundo”. Assim de forma interdisciplinar o professor esclarecia dinamicamente parágrafo por parágrafo do texto, projetando em uma só aula, presente passado e futuro mostrando explicitamente o mundo atual. A reação dos alunos à prática do professor foi de interesse e participação. A abertura para o diálogo possibilitou aos estudantes compartilhar as experiências vividas e dos sonhos para o futuro.

No segundo dia de observação a professora da escola 2 trabalhou leitura e interpretação, o texto “Uma viagem em busca de trabalho” que refere a trabalhadores que mudam de sua cidade do interior em busca de melhores condições de vida. Em um determinado momento os alunos fizeram uma leitura silenciosa, e após terminarem, a professora começou a fazer a leitura oral e em voz alta de forma que todos acompanhassem o seu ritmo. O clima era bastante participativo e aberto, provocando o interesse dos educandos, e logo surge diálogos participativos entre educando e educadora, conforme transcrição abaixo:

Professora - “Vocês conhecem alguém que tenha saído de sua cidade em busca de trabalho?”

Aluno 1 – “Nossa, professora! Eu conheço muitos. Tenho uns parentes que foram para São Paulo porque a roça parou de produzir.”

Aluno 2 - “Até eu já fui prá São Paulo. Mais não gostei não. A vida de lá é muito dura.”

Professora – “ E o que leva algumas pessoas a ir para outra cidade? Só a busca de trabalho? Que outros motivos podem contribuir para essa saída da terra natal?”

No contexto descrito, a aula representa não como cumprimento de regras conteudistas, mas sim com um novo conteúdo criado a partir do entendimento dos discentes e do esclarecimento docente.

Em outro dia observando, uma aula de matemática, na qual a professora trabalhou um orçamento real, onde pesquisou em três locais diferentes o preço de salgados e refrigerantes para festinha de encerramento. Por meio dessa proposta cria-se entre os alunos um clima de participação e confiança, pois os mesmos se deixam conduzir pelo mundo da aprendizagem a partir de uma dada ação do cotidiano e do interesse desses alunos. Observar a aula deste professor é sentir esta citação de Freire (1996):

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas". (FREIRE: 1996, p. 96).

Não foi possível realizar as observações na escola 3 pois a professora disse que os alunos praticamente não estavam mais indo por estar chovendo, mas nos deu algumas informações sobre sua atuação e dificuldades. Ressalta não ser graduada, apenas possui magistério e, que antes de atuar com alunos da EJA, lecionou na creche do município. Por essa razão sente dificuldade em lidar com o público da EJA.

Na escola 4 o professor pareceu ser comprometido com os alunos embora sua formação seja esse apenas o magistério. O referido professor também já atuou por muitos anos como gestor escolar. O professor da turma, diz sentir uma defasagem tamanha em aperfeiçoar suas aulas, até mesmo porque o planejamento, não é feito com a participação de todos os professores da escola, e por isso esse professor se sente excluído e incapaz de produzir e inovar suas aulas. Durante os 3 dias de observações foi possível perceber a força de vontade que o educador possuía para tornar suas aulas atrativas, no entanto sem o auxílio de nenhum outro

docente e também o envolvimento do coordenador da escola, as estratégias se tornavam pequenas para aperfeiçoar suas aulas. Os alunos são bastante interessados, apesar de muitos terem desistido. A avaliação ocorre por meio de notas.

FIGURA 1 – DIFICULDADES DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS



Na figura 2 são representadas as principais dificuldades encontradas pelos professores. Primeiro a falta de capacitação ou treinamentos, pois sem capacitação o professor não tem condições de dar qualidade a sua didática, compreender e aperfeiçoar sua prática pedagógica. O material didático e de apoio diversificado, que leve em consideração o interesse do educando, serve de referencial para planejar e diversificar as aulas, dialogar teoria e prática. Vale ressaltar, entretanto, que as escolas não possuem estruturas físicas adequadas que dê a este público conforto e comodidade para os estudos, (como carteiras específicas, data show para apresentação de matéria com letras grande) uma vez que a maior em parte são pessoas acima de 30 anos e a inclusão principalmente de idosos. Os idosos por sua vez logo desistem por alegarem cansaço na visão, geralmente frequentam as aulas noturnas potencializando esta dificuldade. A maioria das salas frequentadas por alunos da EJA são mobiliadas para crianças ou adolescentes, estimulando a evasão dos alunos.

No entanto, percebe-se que uma das maiores dificuldades dos professores que atuam é de entender o real objetivo da EJA, seu contexto histórico, o seu papel de resgate de jovens e adultos que não tiveram oportunidade de escolarização. Quando construída esta compreensão e por meio do planejamento coletivo, os professores poderão desenvolver uma educação para a cidadania.

3.4 Comparativo das escolas citadas

A procura por jovens e adultos que não terminaram o ensino fundamental é frequente. Percebeu-se no decorrer das visitas as escolas e com informações colhidas que a escola que teve maior número de matrículas foi a Escola Municipal Dindinha Jove. Partindo dessas informações obtidas sobre as matrículas visualiza-se um número maior de pessoas que não terminaram o ensino fundamental. A Escola Otávio Samuel é a que tem menos alunos matriculados, devido ao fato da estrutura física ser pequena.

A capacidade da Escola Municipal José Braz Cavalcante em tratar a EJA com respeito e seriedade e integrá-la a política da escola foi perceptível uma vez que os professores procuram trabalhar em consonância com o plano da escola. A dinâmica das aulas, como foram observadas e desenvolvidas nos mostra uma EJA voltada por suas reais diretrizes de ensino. Em decorrência de visitas e observações notou-se a necessidade de se promover capacitações, cursos de aperfeiçoamento, a troca de experiências. Esses são processos que precisam e muito ainda ser trabalhos e discutidos com os envolvidos na EJA.

As demais escolas têm professores inexperientes e demonstram ainda não incorporarem a EJA, não entenderam o objetivo desta modalidade. E geralmente é tratada como algo a parte da escola.

A importância de um novo olhar para esta modalidade é urgente. O papel social do professor não é um favor e sim um dever de sua profissão.

É preciso uma política pública específica para essa modalidade que venha a treinar professores, desenvolver materiais como estratégia para garantir uma educação de Jovens e Adultos com qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos se configura em um importante campo da área educacional para analisar e entender os processos de fracassos e sucessos na organização de políticas de acesso a educação e de formação de professores na sociedade contemporânea. É uma modalidade de ensino que historicamente foi tratada de forma compensatória nas políticas educacionais, o que resultou em um problema ainda não resolvido em pleno século XXI; evidente nos altos índices de analfabetismo que ainda hoje fazem parte da realidade educacional do país.

Partindo dessa reflexão, a finalidade principal deste estudo foi averiguar de qual maneira as práticas pedagógicas, podem contribuir de forma positiva na formação dos docentes, tendo em vista uma educação de qualidade, na qual possa auxiliar tanto o educando como educador a inovar o processo ensino-aprendizagem.

Sabe-se que na maioria das vezes os profissionais da EJA, compreendem as aulas da EJA apenas como complemento de carga horária de suas aulas, não levando em consideração o tamanho da responsabilidade que este público exige do docente, e o docente por sua vez visa apenas o seu salário, não importando com o grande compromisso.

Ao concluir esse trabalho de investigação é possível constatar que nem todos os profissionais que atua com a EJA, estão preparados para atuar nessa modalidade, e que apenas a graduação em pedagogia não é o suficiente para se preparar para ser docente.

Outro aspecto importante a ser destacado é que o educador precisa ser o instigador, que juntamente com o educando produz os conhecimentos para o entendimento dessa realidade. É nesse sentido que a formação continuada se configura em um importante instrumento de percepção das mudanças que estão ocorrendo na sociedade e a utilização desses conhecimentos para, coletivamente produzir os conhecimentos que, de forma crítica, podem possibilitar o acesso da população jovem, adulta e idosa na sociedade de forma consciente.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Aidil de J. Paes de; e LEHFELD, Neide A de S.. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. Edição15. Petropolis – RJ. Editora Vozes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre Nicola Leskov in *Magia e Técnica, Arte e Política*, ensaios sobre literatura e história. São Paulo. Brasiliense. 1994.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>.

Acesso em: 01 de Maio de 2011.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. 10 ed. São Paulo: Spcione, 2007.

CURY, Carlos R. Jamil. **Por uma nova Educação de Jovens e Adultos**. 2004. Disponível em:

<www.cereja.org.br/arquivos_upload/saltofuturo_eja_set2004_progr2.pdf> Acesso

em: 20 de Março de 2013.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**. UNESCO. Brasília – DF, 2010.

FRAIDENRAICH, Verônica. **EJA em segundo plano**. Nova escola. São Paulo. N.239, 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/eja-plano-618045.shtml>> Acesso em 27 de Maio de 2012.

FRANCO, Moacir. Intérprete: Nalva Aguiar. **Dia de formatura**. 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Edição 46. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Trad: de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática Educativa**. São Paulo; Paz e Terra, 1996.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP :Editora Alínea, 2007.96p.(4º edição)

IRELAND, Timothy. **A EJA tem agora objetivos maiores que a alfabetização. Nova escola**. São Paulo. N. 223, p. 36 – 40, 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/eja-tem-agora-objetivos-maiores-alfabetizacao-476424.shtml>> Acesso em 27 de Maio de 2012.

LAKATOS, Eva M.; e MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de metodologia científica**. Edição 4. São Paulo-SP. Editora Atlas, 2001.

LARAIA, Roque de Barros, 1932- 1.331c **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro. Jor'Zahar Ed., 2001

MARTINS, Pura Lucia Oliver. **A didática e as contradições da prática**. Ed. 14. Campinas/SP. Editora Papirus, 1998.

SANTOS, Jose Ronaldo da Silva. SILVA Eric Fabiano. **A educação de jovens e adultos em movimento: a alfabetização como possibilidade de uma ação emancipatória no MST**. 2011. Disponível em: <www.revistadeeducacaopopular.proex.ufu.br/> Acesso em 10 de Junho de 2012.

VEIGA, Ilma P. Alencastro. **Técnicas de Ensino: Por que não?** Edição 13. Campinas-SP. Editora Papirus, 2002.

VICHESSI, Beatriz e DINIZ, Melissa. **Prática adequada aos adultos. Nova Escola. São Paulo.** N. 227, 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/pratica-adequada-adultos-alfabetizacao-eja-situacoes-didaticas-leitura-escrita-512029.shtml>> Acesso em 07 de Junho de 2012.

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO PROFESSOR



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA –UNB
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE
 CURSO DE PEDAGOGIA A DISTANCIA
 PROJETO 5, FASE 2



Este questionário integra a disciplina projeto 5- fase -2 TCC da Faculdade Pedagogia se propõe a realizar um levantamento das metodologias e materiais utilizados no cotidiano dos docentes , na rede de ensino Municipal de EJA de Carinhanha_BA.

Cara Professor (a):

Sua experiência é muito importante para nós, futuros pedagogos, e suas informações são fundamentais para que esta pesquisa seja realizada com êxito. Você é nosso informante privilegiado, pois além de responder ao presente questionário, sua prática será observada durante, pelo menos, 16 (dezesesseis) horas. Procure relatar exatamente o que ocorre em seu cotidiano.

Solicita-se, também, que as respostas sejam redigidas por extenso, evitando-se abreviaturas. No item sugestão, você terá um espaço para dar asas a sua imaginação.

Agradecemos a colaboração

Dados sobre o informante (o professor)

1.1. Identificação

Nome: _____

Sexo: masculino () feminino ()

Estado civil: casado (a) () solteiro(a) () viúvo(a)() outro(a)()

Faixa etária:

- até 25 anos ()
- de 26 a 35 anos ()
- de 36 a 45 anos ()
- acima de 46 anos ()

1.2. Formação

- Instituição:
- Graduação/licenciatura em:
- Ano de conclusão:

licenciatura curta: 2 anos ()

licenciatura plena: 3 anos ()

licenciatura plena: 4 anos ()

pós-graduação: curso de especialização ()

Mestrado ()

Doutorado ()

Outros cursos realizados: _____

1.3. Atividade do professor

1.3.1. Em quantas escolas você trabalha? _____

total ()

pública ()

particular ()

1.3.2. Você ministra quantas aulas semanais?

Total ()

pública ()

particular ()

1.3.3. Qual (quais) a (s) área(s) de atuação? Em quais séries?

Ensino Infantil () _____

Ensino Fundamental () _____

Ensino Médio () _____

EJA () _____

Outra () _____ Especifique _____

1.3.4. Qual a sua situação dentro da escola?

Contratado(a) ()

Efetivo ()

Substituto(a) ()

Outra () Especificar: _____

1.3.5. A escola permite e/ou facilita a sua participação em congressos, simpósios, seminários ou pesquisas?

Sim ()

Não ()

Outras atividades (especificar): _____

IMPORTANTE

A partir do próximo item, apresente as informações sobre UMA ÚNICA ESCOLA. Escolha aquela onde o estagio está sendo realizado.,

SOBRE A ESCOLA E SOBRE OS ALUNOS

Identificação da escola:

Nome da escola:

Localização:

- Escola pública ()
- Escola particular ()

Quantas aulas você ministra em cada turma? _____

Qual a duração de cada aula? _____

Qual a média do número de alunos por turma? _____

Identifique o extrato social dos alunos da escola

- Baixo ()
- Médio-baixo ()
- Médio ()
- Médio-alto ()
- Alto ()

Qual o total de aulas que você ministra nesta escola _____

Existe integração com outras matérias?

- sim ()
- não ()

caso afirmativo, explique como é o processo de integração e com quais disciplinas _____

CONTEUDO E METODOLOGIAS

Condições de sala:

- sala de aula normal ()
- sala de aula adaptada ()
- outro tipo. Especificar _____

Existe um conteúdo programático pré-estabelecido?

- por professores que o antecederam ()
- pelas atividades contidas no livro didático ()
- pela secretaria de educação ()
- elaborei o programa em função das expectativas e interesses dos alunos ()

- por outro motivo () especificar o motivo _____

Se você elabora o programa, como você detecta interesses e necessidades dos alunos?

Que competências você espera desenvolver com os conteúdos que escolheu?

O que você espera alcançar com o seu programa? (OBJETIVOS)

3.1. O LIVRO DIDÁTICO E OUTROS MATERIAIS DE APOIO

3.1.1. Você adota algum livro didático?

- Sim ()
- Não ()

3.2. Quais livros didáticos são adotados?

Ensino Fundamental

Ensino Médio

3.3. Qual o tipo de material de apoio que você utiliza?

- recursos audiovisuais ()
- retroprojeto ()
- data show ()
- imagens xerocada ()

3.4 .Você proporciona outras atividades como:

- visitas ()
- palestras ()
- encontros ()
- exposições ()
- espetáculos teatrais ()
- filmes ()
- outros () Especifique:_____

3.5. Como você utiliza o material de apoio?

3.6. Quem fornece os materiais necessários para que seja desenvolvido o ensino da EJA:

- aluno()
- escola ()
- professor ()

4. AVALIAÇÃO

4.1. Você acha que a EJA deveria atribuir notas ou conceitos?

- Notas ()
- Conceitos ()

justifique _____

5 - Qual é a importância do ensino EJA para o ensino fundamental/médio?

6 - Indique com que frequência (uma vez por semana, uma vez por mês, uma vez por ano ou nunca) você

Faz planejamentos _____

Reúne com outros professores da EJA _____

Encontra com o coordenador da EJA _____

7 - Com o auxílio da EJA, existe a possibilidade de desenvolver o espírito crítico do aluno tanto com relação ao ensino quanto com relação a sociedade?

8 - Que sugestões você apresenta para melhorar o ensino na EJA:

Muito obrigada!

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA –UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTANCIA
PROJETO 5, FASE 2



Este questionário integra a disciplina projeto 5- fase -2 TCC da Faculdade Pedagogia se propõe a realizar um levantamento das metodologias e materiais utilizados no cotidiano dos docentes , na rede de ensino Municipal de EJA de Carinhanha_BA.

No item sugestão, você terá um espaço para dar asas a sua imaginação.

Agradecemos a colaboração

O seu professor ele é pontual, ou seja, chega na hora marcada para dar aula?

() sim () não

O professor é assíduo, ou seja, é frequente?

() sim () não

Ele passa segurança no que ensina?

() sim () não

Como é o seu relacionamento com o professor, como ele te trata?

O que você mais gosta durante a aula?

O que você menos gosta durante a aula?

Como são tratadas as suas dúvidas?

Quais as suas maiores dificuldades hoje na sala de aula da EJA? (escrita, leitura, cálculo, etc)

() Ler () Escrever () Cálculo () Interpretação de textos ()
 Outros.Qual?_____

Você já tinha estas dificuldades nas séries anteriores?

() Sim () Não () Um pouco

A professora tem alcançado as suas expectativas?

() Sim () Não () Um pouco

Como você teve conhecimento desta modalidade de ensino?

() Amigos () Familiares () Escola () Outros

Dê sugestões, fique a vontade em falar de como podemos fazer uma aprendizagem prazerosa e produtiva.

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO À SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

QUESTIONÁRIO

Data:____/____/_____

Entrevistado(a):_____

Cargo/Função:_____

Entrevistador: _____

1) Quantos professores atuam na modalidade?

2) Quais são suas formações?

3) Em quais localidades trabalham?

4) Há quanto tempo estão atuando na EJA?

5) Quantas capacitações estes professores tiveram desde a implantação da EJA?

6) Qual o contexto histórico de implantação da EJA no município de Carinhanha? Com quantos professores iniciaram e hoje, há uma evolução no número de professores?

7) Como é feito o processo de escolha ou seleção destes professores?

8) Existe algum processo de avaliação averiguando facilidades e dificuldades dos mesmos?

PARTE 3
PERSPECTIVAS PROFISSIONAL

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS NO CAMPO DA PEDAGOGIA

A Faculdade fez desabrochar o espírito de curiosidade acerca do saber, vencer obstáculos antes que não acreditava ultrapassar, me fez sentir mais capaz e com vontade de continuar.

Como profissional da pedagogia, tenho minhas perspectivas na área de humanas, na qual poderei colocar em prática um pouco da pedagogia que Paulo Freire defendeu. Com o olhar para o outro, valorizando seus saberes, sua realidade e partindo disso transformando todos os contextos sociais, educacionais e políticos.

E tenho aprendido com Freire, 2007, p. 78, que inteligentemente cita que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” Não podemos nada sem o outro, o outro que evoca em nós a necessidade de mudança, de crescimento. O ser humano tem por inerência a busca pelo saber, ela é construída através de nossa caminhada, das nossas vivências.

Espero ser um exemplo a seguir pelos meus filhos, que foram grandes motivadores para que aceitasse este desafio. E a pedagogia me fez perceber muito a relação com meus filhos, entender o meu papel, minhas responsabilidades e o que poderia colher com eles no futuro.

CONCLUSÃO

Até aqui muitos obstáculos foram vencidos, mas a vida continua e sinto-me preparada para enfrentar os que ainda virão. Orgulho-me dessa história em que sou protagonista, mas que ainda tem muitos capítulos para serem escritos no livro da vida.

Revirando as memórias chego à conclusão que com o passar do tempo até nossos sonhos mudam, o que não pode mudar é a capacidade de sonhar e a perseverança para realizar.

Finalizo com o fragmento da música que me acompanha ao longo da vida e me emociono ao citá-la no meu memorial:

*"Eu parti pra luta fui lavadeira, enfrentei a vida
Mas ganhei a guerra pois nesta terra nada me intimida.
Mas valeu a pena enfrentei sozinha essa vida dura
Pra chegar aqui assistir agora, essa formatura".*

Nalva Aguiar